

Helena Feres Hawad
Helena Amaral da Fontoura
Vânia Moreira
Vera Lucia Cunha

Volume único

Estágio Supervisionado III para Licenciaturas





Fundação

CECIERJ

Consórcio **cederj**

Centro de Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro

Estágio Supervisionado III para Licenciaturas

Volume único

Helena Feres Hawad
Helena Amaral da Fontoura
Vânia Moreira
Vera Lucia Cunha



**SECRETARIA DE
CIÊNCIA E TECNOLOGIA**



**Ministério
da Educação**



Apoio:



Fundação Cecierj / Consórcio Cederj

Rua Visconde de Niterói, 1364 – Mangueira – Rio de Janeiro, RJ – CEP 20943-001

Tel.: (21) 2334-1569 Fax: (21) 2568-0725

Presidente

Masako Oya Masuda

Vice-presidente

Mirian Crapez

Coordenação do Curso de Pedagogia para as Séries Iniciais do Ensino Fundamental

UNIRIO - Adilson Florentino

UERJ - Vera Maria de Almeida Corrêa

Material Didático

ELABORAÇÃO DE CONTEÚDO

Helena Feres Hawad

Helena Amaral da Fontoura

Vânia Moreira

Vera Lucia Cunha

COORDENAÇÃO DE DESENVOLVIMENTO

INSTRUCIONAL

Cristine Costa Barreto

DESENVOLVIMENTO INSTRUCIONAL

E REVISÃO

Janaina de Souza Silva

José Meyohas

COORDENAÇÃO DE LINGUAGEM

Maria Angélica Alves

Departamento de Produção

EDITORA

Tereza Queiroz

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO

Jorge Moura

PROGRAMAÇÃO VISUAL

Ronaldo d'Aguiar Silva

CAPA

André Dahmer

PRODUÇÃO GRÁFICA

Oséias Ferraz

Patricia Seabra

Copyright © 2005, Fundação Cecierj / Consórcio Cederj

Nenhuma parte deste material poderá ser reproduzida, transmitida e gravada, por qualquer meio eletrônico, mecânico, por fotocópia e outros, sem a prévia autorização, por escrito, da Fundação.

H389e

Hawad, Helena Feres.

Estágio supervisionado III para licenciaturas. v. único / Helena Feres Hawad et al. – Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2010. 74p.; 19 x 26,5 cm.

ISBN: 85-7648-157-X

1. Estágio. 2. Orientações práticas. 3. Material de registro.
I. Moreira, Vânia. II. Cunha, Vera Lucia. III. Título.

CDD: 370.71

2010/1

Referências Bibliográficas e catalogação na fonte, de acordo com as normas da ABNT.

Governo do Estado do Rio de Janeiro

Governador
Sérgio Cabral Filho

Secretário de Estado de Ciência e Tecnologia
Alexandre Cardoso

Universidades Consorciadas

**UENF - UNIVERSIDADE ESTADUAL DO
NORTE FLUMINENSE DARCY RIBEIRO**
Reitor: Almy Junior Cordeiro de Carvalho

**UERJ - UNIVERSIDADE DO ESTADO DO
RIO DE JANEIRO**
Reitor: Ricardo Vieir Alves

UFF - UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
Reitor: Roberto de Souza Salles

**UFRJ - UNIVERSIDADE FEDERAL DO
RIO DE JANEIRO**
Reitor: Aloísio Teixeira

**UFRRJ - UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL
DO RIO DE JANEIRO**
Reitor: Ricardo Motta Miranda

**UNIRIO - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO
DO RIO DE JANEIRO**
Reitora: Malvina Tania Tuttman

Estágio Supervisionado III para Licenciaturas

Volume único

SUMÁRIO

Formato do componente curricular 7

1ª Parte

Preparando o estágio 27

2ª Parte

Orientações práticas 35

3ª Parte

Material de registro e acompanhamento 63

Formato do componente curricular

JUSTIFICATIVA

Este documento é o formato do componente curricular Estágio Supervisionado dos Cursos de Licenciatura, na modalidade a distância do Consórcio CEDERJ/ CECIERJ.

Este componente curricular é desenvolvido em quatro etapas distintas, a saber: Estágio Supervisionado I, Estágio Supervisionado II, Estágio Supervisionado III e Estágio Supervisionado IV. A 1ª etapa do componente curricular exige do aluno, como pré-requisito para matrícula, a aprovação na disciplina Prática de Ensino 1.

A apresentação do componente curricular e seus objetivos estão contidos na Introdução do documento. A 1ª parte detém-se na estrutura organizacional formatada para dar conta dos três níveis e variados espaços envolvidos na operacionalização da prática do estágio. A 2ª parte aborda o conteúdo pedagógico das diferentes etapas do componente curricular, e na 3ª parte é apresentado não só o material didático, como também “pistas” para que o aluno venha a obter maior organização de tempo, maior autonomia e métodos de estudo nessa modalidade de ensino.

A avaliação deste componente curricular, diferenciada das demais disciplinas dos Cursos de Licenciatura, está contida na 4ª e última parte do documento.

INTRODUÇÃO

O componente curricular Estágio Supervisionado tem como objetivo articular e integrar a teoria e a prática entre os conteúdos das disciplinas acadêmicas do Núcleo de Formação Específica dos Cursos de Licenciatura, e o conhecimento da realidade na organização do espaço escolar.

Pretende ainda estimular o aluno a desvelar as teorias pedagógicas que sustentam o cotidiano da escola, com base no referencial teórico construído e apreendido no decorrer do Curso.

Paralelamente, o estágio instigará o aluno à percepção crítica do funcionamento do dia-a-dia da escola amparado no seu projeto político-pedagógico e no perfil da sua gestão.

Nesta vivência o aluno terá, ainda, oportunidade de observação das variadas atuações no espaço escolar, como por exemplo:

- a organização da oferta de matrículas à comunidade em geral;
- o desenho da grade curricular do Ensino Fundamental e Ensino Médio;
- a forma e a elaboração do planejamento das variadas disciplinas que compõem o currículo de tais níveis de ensino;
- a aplicação da metodologia utilizada em diferentes realidades escolares.

Da mesma forma, poderá realizar a leitura de como as relações se estabelecem no interior da escola e fora dela, no que diz respeito ao atendimento ou à demanda da comunidade escolar.

Finalmente, é reconhecido no Estágio Supervisionado um espaço interativo de apropriação e revisão do fazer pedagógico comum e específico das diferentes Licenciaturas em questão; o reconhecimento da metodologia de um trabalho interdisciplinar no currículo escolar e a consolidação da identidade profissional dos alunos-estagiários. Diante da formação pretendida, o componente curricular ainda soma a esses fatores a consciência política e social, necessária à compreensão e à inclusão dos futuros licenciados no mundo do trabalho.

ÍNDICE

1ª PARTE

ESTRUTURA ORGANIZACIONAL DO COMPONENTE

CURRICULAR 10

PLANOS INTEGRADOS 10

■UNIVERSIDADE 10

Atribuições dos Tutores a Distância 10

■PÓLOS 11

Atribuições do Tutor Presencial I 11

■UNIDADES ESCOLARES 12

2ª PARTE 16

CONTEÚDO PEDAGÓGICO DO COMPONENTE CURRICULAR 16

Estágio Supervisionado I 16

Estágio Supervisionado II 18

Estágio Supervisionado III 19

Estágio Supervisionado IV 19

3ª PARTE 20

MATERIAL DIDÁTICO 20

4ª PARTE 21

AVALIAÇÃO 21

Avaliação a Distância (AD1 e AD2) 21

Avaliação Presencial (AP1, AP2 e AP3) 22

Avaliação Presencial 3 (AP3) 23

Avaliação Somativa 23

Avaliação Formativa 23

Composição de Médias 24

Médias Parciais (N1 e N2) 24

Cálculo de Nota da Avaliação Presencial 3 (AP3) 24

Critério de Aprovação do Aluno 24

1ª parte

Estrutura organizacional do componente curricular

Planos integrados

As atividades pedagógicas e de cunho interdisciplinar do componente curricular interagem a partir de três planos integrados de forma horizontal e vertical, a saber:

- Universidades: onde se encontram os coordenadores e os Tutores a Distância.
- Pólos CEDERJ: onde são encontrados os Tutores Presenciais.
- Escolas Parceiras: onde estão situados os Regentes-Tutores, que são os Professores-Regentes das variadas disciplinas instrumentadoras do currículo escolar e os alunos-estagiários.

■ Universidade

O conteúdo da disciplina Estágio emana da Coordenação da Disciplina, localizada nas Universidades onde são estabelecidas as tarefas a serem cumpridas pelos alunos-estagiários e acompanhadas, nesse nível, pelo Tutor a Distância, quais sejam:

- Relatos das observações feitas na escola parceira.
- Registros das experiências sobre as atividades desenvolvidas na vivência do estágio.
- Elaboração das atividades pedagógicas solicitadas pelos tutores a distância e presencial ou regente-tutor da disciplina e/ou pelo coordenador.
- Realização de trabalhos educativos pertinentes à prática da etapa do estágio em que está matriculado.
- Realização de demais tarefas solicitadas em material complementar do componente curricular, inclusive: avaliações a distância, presenciais e aulas práticas.

No que diz respeito à relação de acompanhamento do Tutor a Distância/aluno – estagiário, a quantidade ideal é de sessenta (60) alunos-estagiários, por período.

Atribuições do Tutor a Distância

- Promover o autoconhecimento do aluno- estagiário contribuindo, assim, na construção da sua identidade como educador sugerindo, por exemplo leituras afins e/ ou promovendo fóruns de

discussão na plataforma sobre o processo ensino-aprendizagem, planejamento educacional, metodologias educativas, práticas e vivências do cotidiano escolar; posturas avaliativas etc.

- Atender à demanda dos alunos- estagiários, esclarecendo dúvidas sobre o conteúdo exigido e sugerindo ações alternativas.
- Estimular o aluno-estagiário analisando, sugerindo, trocando informações e enriquecendo o material por cada um deles elaborado.

■Pólos CEDERJ

A realização do Estágio Supervisionado I na Escola Parceira está diretamente envolvida com o assessoramento, consultoria e responsabilidade dos Tutores-Presenciais, localizados nos Pólos, que deverão desenvolver a função de acompanhamento e supervisão dos alunos-estagiários.

As tarefas realizadas pelos alunos-estagiários deverão transitar nas tutorias presenciais do componente curricular e, ainda, na consultoria e assessoramento via telefone, fax, *on line* etc.

Esses profissionais, por sua vez, deverão instigar os alunos para a realização de atividades e leituras afins para o seu enriquecimento acadêmico e profissional, bem como mobilizá-los a interagir com os demais colegas e tutores em fóruns e grupos de estudo presenciais e/ou em ambiente virtual.

Tutores Presenciais de Estágio Supervisionado I deverão acompanhar, no máximo, quarenta e cinco (45) alunos-estagiários, por período. Eventualmente ou, se necessário, deverão visitar as escolas parceiras.

Atribuições do Tutor Presencial I (Estágio Supervisionado I)

- Planejar, organizar e acompanhar a realização do estágio, de forma cooperativa, com a equipe técnico-pedagógica das Escolas Parceiras e com a equipe da disciplina (Coordenador e Tutores a Distância).
- Promover o autoconhecimento do aluno-estagiário contribuindo de diversas formas para a construção da identidade do educador: aprofundando o material didático e as leituras afins; mediando as discussões sobre o conteúdo discutido nos fóruns de discussão da plataforma, sugeridas pelo Tutor a Distância e/ou pelo coordenador etc.

- Atender à demanda dos alunos, esclarecendo dúvidas sobre o conteúdo e sugerindo ações alternativas.
- Estimular o aluno analisando, sugerindo, trocando informações e enriquecendo o material por ele elaborado.

■Unidades escolares

Serão chamadas Escolas Parceiras as Unidades Escolares Públicas de 2º segmento do Ensino Fundamental e ou Ensino Médio que acolherem alunos estagiários.

Regente-Tutor

Os Regentes-Tutores são professores voluntários da Escola Parceira que regem uma das disciplinas instrumentadoras afins – pretendida na formação do aluno-estagiário.

Pela supervisão e acompanhamento desses alunos, tais profissionais não só promovem a análise crítica da vivência do estágio em sala de aula, bem como estimulam os licenciados à construção de sua mais nova identidade profissional a ser assumida perante a sociedade.

Independente da formação acadêmica, esses profissionais deverão ser legitimados pela realidade/ contexto distinto de seu município, bem como devem ter reconhecimento legal na regência da disciplina instrumentadora. As disciplinas instrumentadoras compõem a grade curricular do Ensino Fundamental e/ou do Ensino Médio, segundo as leis educacionais brasileiras, emanadas do Ministério da Educação.

Finalmente, durante o Curso, esses são os profissionais que, no desenvolvimento da vida acadêmica dos alunos-estagiários dentro e fora da sala de aula, revestem-se de grande e honrosa responsabilidade. No exercício de sua práxis pedagógica na escola assumem o compromisso de instrumentalizar, *in loco*, os futuros protagonistas do processo de formação e escolaridade de milhões de alunos-cidadãos pelas inúmeras e distintas salas de aula, distribuídas pelos mais diversos contextos e realidades sociopolíticas-educacionais do Estado do Rio de Janeiro.

Atribuições do Regente-Tutor

No Estágio Supervisionado II

- Levar o aluno-estagiário a analisar o relacionamento da política educacional vigente com o contexto social e econômico da realidade que vivenciam – futuro campo de sua ação profissional.
- Instigar o aluno-estagiário a levantar dados sobre as condições de trabalho das diferentes realidades escolares.
- Estimular o aluno-estagiário a realizar uma investigação preliminar sobre o número oficial de escolas do seu município *versus* a população de faixa etária escolar.
- Provocar o aluno-estagiário a refletir sobre questões, como por exemplo:
 - ⇒ A escola está comprometida com o processo ensino–aprendizagem mais adequado às condições reais de cada uma das diferenciadas comunidades escolares?
 - ⇒ A escola realmente integra o aluno à sua realidade?
 - ⇒ A prática docente relacionada à prática social supera a dualidade presente, entre informação e formação, instrução e educação no interior da escola?
 - ⇒ O conteúdo proporcionado pelas variadas disciplinas auxilia o aluno na compreensão da realidade e o estimula a avançar?
 - ⇒ De que forma o conteúdo trabalhado contribui para a formação do aluno e sua posterior entrada no mercado de trabalho?
 - ⇒ A escola forma o aluno crítico e consciente como cidadão?
 - ⇒ O professor, ao desenvolver atividades em sala de aula, tem a preocupação de não ser mero reprodutor do saber, avançando em sua práxis na reelaboração crítica de conteúdos culturais de sua área do conhecimento?
 - ⇒ O professor aproveita situações do dia-a-dia, trazidas para a sala de aula, preocupando-se em analisá-las junto aos alunos, enriquecendo assim a sua formação?

No Estágio Supervisionado III

- Proporcionar ao aluno-estagiário a vivência da dinâmica escolar das diversas atividades pedagógicas do interior da escola, como por exemplo:
 - ⇒ a percepção do tipo de gestão escolar e seus desdobramentos no cotidiano escolar;
 - ⇒ o processo de oferta de matrícula;
 - ⇒ a análise do projeto político-pedagógico escolar e a avaliação das condições em que o mesmo foi elaborado;
 - ⇒ a valorização de cada uma das disciplinas pedagógicas que compõem o currículo escolar;
 - ⇒ a organização da grade curricular das diferentes séries do(s) segmento(s) observado(s);
 - ⇒ a realização de projetos e/ou outra metodologia que operacionalize o currículo escolar;
 - ⇒ a integração curricular;
 - ⇒ o sistema de avaliação adotado pela escola.

No Estágio Supervisionado IV

- Proporcionar ao aluno-estagiário a vivência da dinâmica escolar e as diversas atividades pedagógicas do interior da escola e da sala de aula, como por exemplo:
 - ⇒ o dia-a-dia da sala de aula;
 - ⇒ a relação professor-aluno;
 - ⇒ a abordagem conceitual dos conteúdos curriculares da disciplina em tela;
 - ⇒ a metodologia utilizada pelo professor;
 - ⇒ os livros e os materiais didáticos afins;
 - ⇒ os recursos materiais adotados;
 - ⇒ a análise crítica sobre a elaboração e funcionamento do programa das disciplinas por série;
 - ⇒ a abordagem conceitual do processo de avaliação utilizado;
 - ⇒ o funcionamento das reuniões pedagógicas;
 - ⇒ a dinâmica dos conselhos de classe; dentre outras.
- Propor e acompanhar o aluno-estagiário à elaboração de um plano de aula para a realização de uma aula-prática, com conteúdo curricular pertinente à série/turma onde realiza o estágio.

Aluno-estagiário

Alocação

O aluno-estagiário deverá realizar seu estágio em uma Escola Parceira indicada ou sugerida pela Direção do Pólo Regional. Essa Escola deverá ser uma Escola Pública de 2º segmento ou de Ensino Médio, onde o aluno cumprirá a carga horária exigida pela etapa do Estágio Supervisionado, na qual está inscrito. O aluno-estagiário também poderá indicar uma Escola Pública na qual gostaria de realizar o estágio. Porém, nesse caso, o aluno deverá realizar a apresentação formal da Escola para que a mesma venha a se tornar uma Escola Parceira. Tal apresentação deverá ser feita, através de um arrazoadado que justifique a sua solicitação, para apreciação e, posterior deferimento ou não da:

- Direção do Pólo;
- Secretaria Municipal ou Estadual de Educação;
- Coordenação do Componente curricular.

Estágio Supervisionado I

O critério adotado para o estabelecimento do número de alunos-estagiários por período, na Escola Parceira, na 1ª etapa do componente curricular deverá ser decidido pela Escola Parceira.

O aluno-estagiário deverá dedicar ao Estágio Supervisionado I, o mínimo, de três (3) horas-aula semanais, realizando atividades, tais como:

- ⇒ estágio, propriamente dito, na escola;
- ⇒ organização das observações feitas;
- ⇒ esclarecimento de dúvidas, junto ao Tutor Presencial e a distância;
- ⇒ análise crítica da prática do estágio;
- ⇒ preenchimento do material complementar solicitado;
- ⇒ pesquisas, elaboração de *clipping*, leituras afins;
- ⇒ participação nas tutorias presenciais e demais atividades propostas, dentre outras.

Estágios Supervisionado II, III e IV

O critério adotado para o estabelecimento do número de alunos-estagiários por turma e período na Escola Parceira, onde os mesmos estejam o Estágio Supervisionado II, III e IV deverá ser decidido pela Escola Parceira.

Sugere-se que os Estágios Supervisionados II, III e IV devem ser desenvolvidos, por período, em uma só turma. A partir dessa etapa, o aluno-estagiário deverá dedicar o mínimo de cinco (5) horas-aula semanais às etapas mencionadas do componente curricular, realizando atividades, tais como:

- ⇒ estágio, propriamente dito, em sala de aula;
- ⇒ organização das práticas observadas;
- ⇒ esclarecimento de dúvidas junto ao Regente-Tutor;
- ⇒ análise crítica da prática do estágio;
- ⇒ preenchimento de material complementar solicitado;
- ⇒ participação nos encontros quinzenais com o Regente- Tutor e demais atividades propostas, dentre outras.

O aluno-estagiário deverá preencher ao longo do período letivo uma planilha de comprovação de carga horária de estágio onde deverá discriminar as atividades as quais observou e/ou participou na Escola Parceira.

Cada etapa do componente curricular exigirá do aluno-estagiário a comprovação de uma carga horária mínima de estágio a ser cumprida na escola, a saber:

- Estágio Supervisionado I: sessenta horas (60h).
- Estágio Supervisionado II: noventa horas (90h).
- Estágio Supervisionado III: cento e vinte horas (120h).
- Estágio Supervisionado IV: cento e cinquenta horas (150h).

2ª parte

Conteúdo pedagógico do componente curricular

Estágio Supervisionado I

Tensão no espaço institucional

Tipo: de observação e investigativo

- Questões contextuais que implicam diretamente as culturas escolar e docente que são construídas no interior da escola:

► Formato e organização do Sistema Educacional

- ⇒ verbas destinadas à Educação;
- ⇒ investimento em pesquisa e no desenvolvimento de novas tecnologias;
- ⇒ renda *per capita* dos brasileiros em geral;

- ⇒ políticos populistas e doutrinas oportunistas;
- ⇒ índice de desemprego;
- ⇒ instituição da economia informal;
- ⇒ invasão populacional dos centros urbanos;

► Indicadores educacionais

- ⇒ alfabetização e taxas de analfabetismo;
- ⇒ universalização do ensino;
- ⇒ distorção série/ idade;
- ⇒ taxa de promoção e repetência;
- ⇒ carga horária escolar;
- ⇒ melhoria do perfil do magistério;
- ⇒ avaliação institucional;
- ⇒ democratização de acesso ao Ensino Médio.

- Itens norteadores para uma postura investigadora das diversas formas de organização das atividades curriculares e da prática reflexiva para a atuação docente:

► embasamento sobre as diferentes tendências pedagógicas visando à fundamentação da própria prática;

► reconhecimento de exigência de uma nova postura das instituições de ensino e localização no espaço da sociedade.

- Formação continuada: direito à igualdade de oportunidades/ dever das políticas públicas:
 - ⇒ revisão da gerência educacional instituída;
 - ⇒ identificação do modelo estático da escola e avanço deste modelo para uma concepção mais dinâmica: proposta político-filosófica; metodologia; espaço escolar; currículo escolar; papel do diretor e papel do professor; relações no interior da escola;
 - ⇒ visão sistêmica da escola perpassando pela importância da liderança participativa, responsabilidade social, valorização do comportamento organizacional e avaliação institucional.

► **Pilares da gestão democrática**

- ⇒ democratização do processo de construção social da escola;
- ⇒ elaboração compartilhada de seu projeto pedagógico;
- ⇒ aplicação de avaliação institucional como instrumento diagnóstico;
- ⇒ compreensão da teia de relações no interior da escola;
- ⇒ promoção de nova trama de relações favorável à aprendizagem dos alunos;
- ⇒ educação voltada para a diversidade;
- ⇒ Posicionamento frente às questões de discriminação e intolerância em relação às variedades culturais de grupos na escola.

Estágio Supervisionado II

Roda-Viva da Escola

Tipo: Investigativo e de co-participação

- Questões de aproximação da realidade escolar e a prática da reflexão do estágio.

► **Exigência de confronto da postura acadêmica x postura crítica do aluno, capaz de revelar tanto situações problemáticas na prática pedagógica quanto suas possíveis soluções**

- ⇒ conhecimento da forma de elaboração do planejamento à avaliação da disciplina instrumentadora em questão;
- ⇒ análise documental dos instrumentos gerados pela disciplina (planejamento, material didático, material documental, avaliação etc.);
- ⇒ análise da aplicabilidade da metodologia pontuada no projeto pedagógico da escola;
- ⇒ conhecimento e reflexão sobre os resultados da produção docente e produção discente;
- ⇒ concepções/impasses e alternativas sobre o saber-pedagógico x fazer-pedagógico;
- ⇒ possibilidades de trabalho interdisciplinar na escola.

► **Construção da identidade do educador**

- ⇒ estímulo ao exercício de autoconhecimento do aluno estagiário;
- ⇒ consolidação de referencial teórico capaz de desvelar as teorias pedagógicas que sustentam a práxis educativa;

- ⇒ enriquecimento da formação profissional;
- ⇒ compreensão e enfrentamento do mundo do trabalho.

Estágio Supervisionado III

Projeto Pedagógico

Tipo: Participativo e de cooperação

► Reorientação da prática pedagógica

- ⇒ a relação entre a formação de um professor e a instrução;
- ⇒ necessidade de conscientização de que a prática pedagógica envolve comportamento de observação, reflexão, análise crítica e reorganização de ações e atuações no espaço escolar, para o desvelamento de atitudes, valores e normas que reproduzem os valores dominantes;
- ⇒ análise da natureza e da função dos conteúdos escolares nos planejamentos educacionais e no currículo;
- ⇒ essencialização e transposição dos conteúdos e de atividades comuns do cotidiano da escola e da sala de aula na busca de ações e atuações que reorientem o fazer pedagógico;
- ⇒ reconhecimento da regência de classe e da prática da avaliação como atividades de diagnose capazes de revelarem dificuldades e fomentarem soluções diferenciadas para as necessidades do aluno.

Estágio Supervisionado IV

Fazer pedagógico

Tipo: Participação interativa no âmbito de sua disciplina na unidade escolar de 2º segmento de Ensino Fundamental e Ensino Médio:

- ⇒ participação na elaboração de planejamento cooperativo acompanhado pelo regente-tutor;
- ⇒ participação na definição do processo de avaliação da disciplina instrumentadora, como deflagrador de novas ações pedagógicas;
- ⇒ exercício da regência de turma/atendimento à demanda dos alunos;
- ⇒ elaboração de proposta de trabalho ou unidade de ensino pertinente à série/ turma onde realiza o estágio;
- ⇒ preparação de material didático;

⇒ participação na elaboração de proposta interdisciplinar envolvendo as demais disciplinas do currículo.

A partir deste conteúdo trabalhado, o aluno será estimulado a analisar o cotidiano escolar e perceber as implicações do mesmo no interior da escola fortalecendo, assim, a sua postura como educador.

A comprovação de carga horária é indispensável para a aprovação do aluno no componente curricular Estágio Supervisionado, independente de seu desempenho acadêmico ou ocupação profissional, ao longo do período letivo e curso.

3ª parte

Material didático

O componente curricular será apresentado em volumes didáticos pertinentes aos conteúdos das suas diferentes etapas e à carga horária específica de cada uma delas discriminadas a seguir:

- Estágio Supervisionado I – 60 horas
- Estágio Supervisionado II – 90 horas
- Estágio Supervisionado III – 120 horas
- Estágio Supervisionado IV – 150 horas

Cada volume abordará o referencial teórico enriquecido com citação de autores afins e bibliografia específica, assim como material didático de apoio à prática do estágio.

Em cada volume, o aluno-estagiário deverá encontrar:

- roteiros de observação;
- ficha específica de variadas atividades pertinentes à prática pedagógica;
- questionários instigantes sobre aspectos abordados na aula e/ou no curso em geral e observados ou não na prática do estágio.

■ Sugestão de métodos de estudo

Cada prática semanal no estágio exigirá do aluno-estagiário o planejamento de uma quantidade de horas capaz de assegurar-lhe, ao final do período letivo, o cumprimento da carga horária exigida em cada etapa do componente curricular. Essas atividades poderão ser do seguinte caráter:

- observação participativa, no exercício do estágio propriamente dito;
- reflexão crítica e analogia dos aspectos observados com o referencial teórico abordado no curso;
- realização e envio do material complementar solicitado para o Tutor Presencial ou Tutor a Distância.

Uma pista para o melhor aproveitamento do estágio é realizá-lo sem restringir-se às observações/percepções feitas, às indagações contidas nos instrumentos variados nos volumes de cada etapa do estágio.

A plena imersão do aluno no estágio poderá ampliar e enriquecer a sua vivência no mundo do trabalho. Esta atividade poderá ser comprometida, caso o aluno não utilize o procedimento sugerido.

Para o aprimoramento do método de estudo, outra dica é que o aluno adote posturas complementares, tais como:

- ir além da releitura das aulas das disciplinas fundamentais à prática pedagógica sugeridas, recorrendo, sempre que possível, às obras de autores indicados em bibliografia específica;
- pontuar os aspectos principais abordados nos respectivos instrumentos, assinalando possíveis dúvidas para dirimi-las, posteriormente, junto ao Regente-Tutor, Tutor Presencial, Tutor a Distância e, em última instância, junto ao Coordenador;
- aproveitar a estratégia interativa da organização de grupos presenciais ou a distância, que favorecem a troca de informações, idéias e experiências para avançar na compreensão das atuações e relações que regem a organização da escola, a atividade docente e a prática pedagógica.

4ª parte

Sistema de avaliação

■ Avaliação a distância (AD1 e AD2)

Após o período de dedicação semanal, pontuado no cronograma, o aluno deverá enviar o seu material complementar, norteador da prática do estágio preenchido ao Tutor Presencial de Estágio Supervisionado I situado no Pólo e ao Regente-Tutor das demais etapas, ou seja: Estágio Supervisionado II, III e IV.

A avaliação do material complementar compatível à dedicação e às atividades descritas na estrutura do componente curricular virá a compor respectivamente a nota da primeira Avaliação a Distância – AD1 e a nota da segunda avaliação a distância – AD2.

Cada Avaliação a Distância, terá peso quatro sendo assim equivalente a 40% na composição final das médias parciais: N1 e N2 .

Ao final de cada período, o conjunto do material complementar elaborado, paulatinamente, ao longo do período, pelo aluno-estagiário virá a constituir o *portfolio* da disciplina.

■ Avaliação presencial (AP1, AP2 e AP3)

Estágio Supervisionado I

Com tema inédito e eixo político-filosófico pertinente ao projeto do Curso, exigirá do aluno-estagiário nessa etapa, especialmente na Avaliação Presencial 1 (AP1), a construção de um texto de 25 a 30 linhas manuscrito. Nesse texto o aluno deverá realizar uma analogia dos conteúdos apreendidos durante o curso com a vivência dos aspectos observados no desenvolvimento do estágio.

A Avaliação Presencial 2 (AP2), nessa etapa, será constituída pela avaliação do relatório final – atividade contida no material didático, pelo Tutor Presencial, e pela avaliação do formato final do *Clipping*, pelo Tutor a Distância.

Estágio Supervisionado II

Nessa etapa, a Avaliação Presencial 1 (AP1) e a Avaliação Presencial 2 (AP2) valerão, respectivamente, por trabalhos práticos. Tais trabalhos serão definidos pelo Coordenador.

A Avaliação Presencial 2 (AP2) no Estágio II poderá ser, ainda, constituída de um relatório final, cuja responsabilidade de avaliação é do Regente-Tutor.

Estágios Supervisionado III e IV

Nessa etapa as Avaliações Presenciais (AP1 e AP2) serão constituídas pela avaliação da prova de aula a ser ministrada em local a ser acordado entre a Coordenação, a Tutoria em geral e o aluno-estagiário.

O tema da aula poderá ser sugerido pelo Regente-Tutor, que será um dos profissionais que constituirá a Banca de Prova de Aula, do local onde o aluno realiza o estágio.

O aluno-estagiário deverá apresentar o plano de aula ao Regente-Tutor que, por sua vez, deverá, além de avaliá-lo, sugerir-lhe subsídios para a realização da prova prática.

Nos Estágios Supervisionados III e IV poderá, também, ser solicitado ao aluno a elaboração de um Relatório Final – atividade contida no material didático, o qual deverá ser avaliado pelo Regente-Tutor.

IMPORTANTE: As Avaliações Presenciais I e II nas diversas etapas do componente curricular Estágio Supervisionado valem peso seis. Sendo assim, equivalem a 60% da composição final das médias parciais (N1 e N2).

Avaliação Presencial 3

A Avaliação Presencial 3 (AP3), nas diferentes etapas do componente curricular Estágio Supervisionado, vale dez pontos e será composta pelo total da soma de duas parcelas com pesos determinados, a saber:

1ª parcela: Avaliação formativa: peso quatro.

2ª parcela: Avaliação somativa: peso seis.

Avaliação formativa

Será composta por critérios de avaliação, como por exemplo: o interesse; o compromisso; a autonomia e a participação do aluno no desenvolvimento do componente curricular ao longo do período letivo.

A nota da avaliação formativa será atribuída ao aluno pelo Tutor Presencial no Estágio Supervisionado e pelo Regente-Tutor nas etapas subseqüentes.

Avaliação somativa

A Avaliação Presencial 3, em todas as etapas do Estágio Supervisionado, abordará tema inédito e eixo político-filosófico pertinente ao projeto do Curso.

Exigirá do aluno a construção de um texto de 25 a 30 linhas manuscrito a ser avaliada pelo Tutor a Distância, em que deverá realizar uma analogia dos conteúdos apreendidos durante o curso com a vivência dos aspectos observados no desenvolvimento do estágio.

Poderá se constituir na avaliação do *portfolio* da disciplina.

▪ Composição de médias

Médias parciais (N1 e N2)

A N1 e a N2 (média parcial do aluno) em todas as etapas do componente curricular Estágio Supervisionado serão, respectivamente, o resultado da média ponderada composta pela nota avaliação da AD1 e AD2 que vale 40%, pela avaliação da AP1 e AP2 que vale 60% (conforme a descrição feita na 4ª parte).

CÁLCULO DE N1 E N2

$$\frac{(AD1 \times 4) + (AP1 \times 6)}{10}$$

Caso o aluno-estagiário, após a composição da média aritmética das duas médias parciais, referentes ao período (N1 e N2) não alcançar, no mínimo, média seis – (nota suficiente, pelo regimento do curso, para ser considerado aprovado na disciplina) – deverá realizar então, a Avaliação Presencial 3.

$(N1 + N2) : 2 = 6$ ou > 6 O aluno é considerado aprovado com a nota final – resultado desta operação.

$(N1 + N2) : 2 = 6$ O aluno deverá realizar a AP3.

Cálculo da Nota da Avaliação Presencial 3 (AP3)

A AP3 do aluno, nas diferentes etapas do componente curricular da disciplina Estágio Supervisionado, vale dez pontos e será composta pelo total da soma de duas parcelas: avaliação formativa com peso quatro e avaliação somativa com peso seis.

CÁLCULO DA AP3

$$\frac{AF \times 4 + AS \times 6}{2}$$

▪ Critério para aprovação do aluno

O aluno, após ter realizado a AP3, para ser considerado aprovado, deverá alcançar na mesma, a nota igual ou maior que o cálculo de seu desempenho, feito sob a seguinte orientação:

$$\frac{20 - (N1 + N2)}{2}$$

Nota final

A nota final do aluno que realizar a AP3 será calculada da seguinte forma:

$$\frac{\frac{(N1 + N2) + AP3}{2}}{2}$$

= 5 ou > 5 = aprovado
(-) 5 = reprovado

Observação importante

Independente de qualquer aproveitamento que o aluno venha a obter no decorrer do período letivo, a sua aprovação no componente curricular Estágio Supervisionado fica submetida à comprovação da carga horária na Escola Parceira conforme a etapa da disciplina na qual o aluno está matriculado.

1a

PARTE

Preparando o estágio

APRESENTAÇÃO

Você tem avançado a passos largos em sua trajetória para se tornar professor! No Estágio I, travou contato com a realidade escolar de modo global. No Estágio II, começou a tomar parte na dinâmica da sala de aula, observando as atividades e dividindo certas tarefas com o regente-tutor. Agora começamos o Estágio III! Ele dará continuidade a esse processo, permitindo que você amplie sua atuação em sala de aula, aumente o contato com os alunos e aprofunde a troca de conhecimentos e reflexões com o regente-tutor.

Ao iniciar o Estágio II, enfatizamos a importância de relacionar *o conhecer com o agir*. Nesse processo, com certeza, sua atenção deve ter sido despertada para certas questões centrais do trabalho de um professor. Antes de prosseguir com a leitura, faça uma pausa e tente listar algumas delas:

Veja se suas questões coincidem com algumas das nossas:

De que modo minha disciplina pode contribuir para a qualidade de vida de meus alunos e para sua formação como cidadãos? Como posso mostrar a eles a importância e a beleza de minha disciplina?

Qual é a relevância de certos conteúdos tradicionalmente presentes na prática escolar? Há conteúdos importantes que não estão incluídos nos currículos tradicionais?

Como posso fazer diferença na vida de meus alunos? Posso ser para eles um exemplo – de trabalho, compromisso, solidariedade, dedicação...? Como ajudá-los a se tornarem pessoas mais abertas, mais tolerantes, mais cooperativas...? É possível ajudar cada um deles a descobrir seu próprio potencial para aprender, questionar, criar...?

Essas e muitas outras questões vão exigir sua atenção, não apenas ao longo do Estágio III, mas durante toda a vida profissional.

Como você já sabe, nosso objetivo, não é responder a elas – mesmo porque as respostas são pessoais e variam com o tempo e a experiência. Apenas lembramos que formular perguntas e buscar respostas é uma prática inerente a nosso trabalho. Esperamos que o Estágio III possa ser mais uma oportunidade de exercitar isso e de aprofundar seu contato com os desafios cotidianos da profissão. Nesta altura do curso, você já traz conhecimentos obtidos nos Estágios I e II, além dos adquiridos nas disciplinas teóricas. Lembre-se de aproveitar o que já aprendeu, e esteja atento para as lacunas que ainda necessitam ser preenchidas.

A estrutura deste livro é a mesma que você já conhece. Na primeira parte, preparamos o início do estágio, apresentando algumas questões gerais para sua reflexão. Esperamos que, ao longo do período de trabalho na escola, essas questões possam ser renovadas, iluminadas e aprofundadas no contato com a experiência prática. Na segunda parte, fornecemos orientações para o desenvolvimento das atividades propostas. Finalmente, na terceira parte, você encontra o material de registro e acompanhamento – ou seja, a agenda de atividades apropriada para documentar o desenvolvimento do plano de trabalho do Estágio III.

QUESTÕES INICIAIS

Formação e instrução

Você já parou para pensar na relação que existe entre Educação e instrução? Para você, elas são a mesma coisa? Se não, qual é a diferença?

Já notou como é freqüente uma escola ser julgada – pelos alunos, pais, comunidade em geral – como “forte” ou “fraca,” dependendo do volume de conteúdos que oferece?

É cada vez menos adequado reduzir Educação à instrução. Se instrução é transmissão de informações ou acúmulo de conteúdos, podemos perceber que esse papel, hoje, não cabe só à escola. Informações estão por toda parte: na TV, na internet, nas bancas de jornal... Temos de reconhecer, inclusive, que muitas vezes essas fontes de informação disponíveis na vida cotidiana estão mais atualizadas e são mais atraentes e interessantes do que as fontes principais tradicionalmente disponíveis na escola: o próprio professor e o livro didático.

Nesse contexto, uma escola que trabalhasse com base no pressuposto de que sua função primordial fosse transmitir informações estaria condenada ao insucesso. É claro que a transmissão de informações – a instrução – é função da escola. No entanto, é preciso ter cuidado para não confundi-la com a própria Educação, da qual ela é apenas uma parte.

Para entender melhor esse ponto, precisamos refletir sobre a natureza dos conteúdos escolares. De modo geral, eles não representam o que há de mais atualizado ou mais importante em nenhuma área do conhecimento humano. Os currículos escolares têm sido criticados por sua dificuldade e lentidão em incorporar os avanços mais recentes das diferentes ciências. Muitos conteúdos ultrapassados e de aplicabilidade duvidosa na vida dos alunos permanecem nos currículos, aparentemente justificados apenas pelo peso da tradição. Admite-se que “a matéria da série tal é essa”, e o programa de estudos vai sendo simplesmente repetido, ano após ano (não raramente, geração após geração...), sem que sua adequação seja revista, ou que possibilidades alternativas sejam consideradas. Uma escola que, simplesmente, optar por suprimir de seu currículo certos conteúdos tradicionais por avaliá-los como inadequados às necessidades dos alunos corre o risco de ser tachada de “fraca”...

Num mundo em contínua transformação, em que o conhecimento científico e tecnológico se modifica rapidamente, não há lugar para uma postura educacional baseada em transmissão de informações. Isso seria inútil, pois a informação que o aluno adquire hoje pode perder sua validade dentro de pouquíssimo tempo.



Um exemplo extremo dessa situação pode ser encontrado no antigo ensino de Geografia, quando os alunos tinham de decorar as populações dos diferentes países do mundo – um dado isolado que muda frequentemente. Esse exemplo, hoje, parece não ter validade, pois a Geografia não é mais ensinada assim. Mas será que nossa prática atual de ensino, nas diferentes disciplinas, não guarda mesmo nenhum resquício desse tipo de abordagem?...

É justamente por estarmos o tempo todo cercados por um grande volume de informações que o papel da escola, na atualidade, precisa ser outro. O aluno tem de ser preparado para lidar com as informações de modo crítico e produtivo: precisa saber como, quando e onde buscá-las; tem de ser capaz de relacioná-las entre si para produzir uma compreensão

mais abrangente da realidade; deve, enfim, compreender a função das informações em sua vida, como resposta a suas perguntas e solução de diferentes tipos de necessidades.

Sendo assim, a escola precisa dar prioridade ao desenvolvimento de habilidades e atitudes – ou seja, à formação. É claro que isso só será possível mediante o estudo de certos conteúdos. Quer dizer, não há como desenvolver, vagamente, a capacidade de pensar, a não ser pensando sobre algo; não há como estimular o espírito crítico, a não ser exercitando-o com tarefas concretas que o desafiem. Ao mesmo tempo, a própria habilidade de buscar informações por nós mesmos, recorrendo a diferentes fontes, depende de termos conhecimento de certos conteúdos básicos. Veja alguns exemplos:

Se preciso consultar uma enciclopédia ou dicionário, é indispensável que eu domine o conhecimento sobre a ordem alfabética.

Se vou viajar e quero saber que horas são em Londres quando é meio-dia no Rio de Janeiro, preciso saber o que são fusos horários, além de saber que esse tipo de informação pode ser buscado num atlas geográfico.

Se estou escrevendo um texto formal e tenho uma dúvida sobre a concordância de certo verbo, serei capaz de localizar a informação necessária numa gramática, desde que eu saiba o que é uma gramática e esteja familiarizado com a forma de consultá-la, além de saber o que é a concordância verbal e por que ela é importante num texto formal.

Se vou comprar um produto em um site da internet, e o preço está em dólar, posso ter uma idéia de quanto vou pagar em reais se souber, em primeiro lugar, que diferentes países têm diferentes moedas. Além disso, preciso saber: o que é câmbio, o que é e como se faz uma operação de multiplicação, e onde posso encontrar informações atualizadas sobre taxas de câmbio (no jornal, em determinada página...).



Tente encontrar outros exemplos em que o conhecimento de certos conteúdos básicos se combina com habilidades de pesquisa a fim de produzir soluções para situações práticas.

Em resumo, o que podemos esperar da escola hoje – e, claro, da atuação dos professores – é que ela consiga oferecer aos alunos os conteúdos básicos das diferentes áreas do conhecimento, com prioridade

para aqueles de maior relevância em função das necessidades práticas dos alunos, porém colocando a ênfase nas habilidades que permitem lidar de modo flexível, crítico e produtivo com esses conteúdos. Em outras palavras, a instrução, na escola, deve estar subordinada à formação.

Pense na área da disciplina específica de seu curso de licenciatura. O que um professor dessa disciplina pode oferecer a seus alunos no sentido de capacitá-los a lidar de modo satisfatório com as informações na sociedade atual?

Um livro que você possivelmente vai gostar de conhecer é *A ciência no cotidiano*, de Len Fisher (Jorge Zahar Editor). O autor explica diversos fenômenos comuns em nossa vida cotidiana à luz de conceitos da Física, numa linguagem clara e agradável. É um texto que pode fornecer bons exemplos para apresentar aos alunos em suas aulas.

Motivação, interesses e realidade de vida

Estudantes, principalmente crianças e adolescentes, têm, em geral, curiosidade e interesse por muitas coisas: música, esportes, animais, tecnologia... Como pode o professor direcionar essa curiosidade natural dos alunos para os conteúdos de sua disciplina, que muitas vezes parecem em nada interessá-los?

Muitas discussões em Pedagogia e Didática ressaltam a importância da motivação do aluno em relação à matéria, afirmando que o desempenho cognitivo está intimamente ligado ao aspecto afetivo. Uma vez que não é possível gostar daquilo que não se conhece, fica evidente que um primeiro contato com um conteúdo didático deve ser agradável e, para que isso ocorra, é necessário associá-lo a algo que o aluno já conheça e de que já goste. Atividades lúdicas, filmes, músicas e outras produções culturais podem servir de disparo para despertar o interesse dos alunos, motivando-os ao aprendizado.

Nossa grande responsabilidade é não apenas transmitir para o aluno os conteúdos de uma disciplina específica, mas também ajudá-lo a perceber a importância desse conhecimento para sua vida.

Lembre-se, porém, de que nós, professores, como todo e qualquer profissional, temos a tendência de supervalorizar nossa disciplina ou objeto de estudo. É uma deformação profissional natural – afinal, lemos, pesquisamos e dedicamos a isso grande parte de nossas vidas. Contudo, não podemos esquecer que, para o aluno dos Ensinos Fundamental e

Médio, aquilo é apenas uma pequena fração de sua realidade. Pare e pense: sua disciplina é uma em um conjunto de até doze por série que ele encontra a cada ano letivo na escola, a qual, por sua vez, ocupa 1/3 do seu tempo diário. Sua vida, entretanto, é preenchida por outros afetos e demandas muito mais essenciais para ele, que não vive disso, nem se comprometeu a dedicar a esse assunto uma atenção especial.

Tendo essa relatividade em mente, procure pensar: de que maneira sua disciplina pode ser efetivamente útil para o cotidiano de seus alunos? Como ela pode, de alguma forma, ajudá-los a executar tarefas, cuidarem-se melhor, entenderem o mundo que os cerca? Procure observar também como seus conteúdos podem estar presentes em atividades lúdicas, como regras ou etapas de jogos ou esportes.

Esse caminho certamente ajudará os alunos a valorizar sua disciplina, uma vez que eles, nós, qualquer pessoa só se interessa por aquilo que considera relevante, que a ajuda a resolver seus problemas ou que é capaz de diverti-la.

Deve estar claro para nós, no entanto, que a realidade familiar ao aluno – um excelente ponto de partida para novas aprendizagens – não deve representar um limite para o que pode ou não ser oferecido a ele na escola. É freqüente ouvirmos professores argumentarem que certos conteúdos deveriam ser suprimidos porque não têm relação com a realidade do aluno. É preciso ter cuidado com esse tipo de avaliação. Afinal, uma das importantes funções da educação formal – e, portanto, da escola – é descortinar para o indivíduo parcelas da realidade que, ele por si mesmo, preso apenas à sua experiência cotidiana imediata, teria muita dificuldade em descobrir, e talvez não chegasse a conhecer nunca... Qual seria o sentido da Educação para a pessoa cuja vivência continuasse tendo a mesma visão da realidade que tinha antes do processo educacional?

Assim sendo, a realidade imediata vivida pelo aluno deve ser a base sobre a qual o processo de aprendizagem se desenvolverá, mas não pode ser o limite desse processo, que deve conduzir o aluno para além dela, para porções da realidade que ele desconhece.

O que você pensa sobre isso? Como aplicar esta discussão ao contexto de sua disciplina?

O livro *Conversas sobre educação*, de Rubem Alves (Editora Verus), pode ajudar a enriquecer a reflexão sobre esses pontos. Além disso, oferece sugestões de outras leituras correlatas.

Orientações práticas

2^a
PARTE

ORIENTAÇÕES GERAIS

O estágio deve oferecer oportunidade de vivenciar situações de trabalho variadas. Por isso, o ideal é que você faça o Estágio III num grau de ensino diferente daquele em que fez o Estágio II. Ou seja, se sua turma-base do Estágio II foi do Ensino Fundamental, procure fazer o Estágio III no Ensino Médio, e vice-versa. Se isso não for possível, procure trocar, pelo menos, a série e o regente-tutor.



Você não deve fazer o Estágio III na mesma turma-base em que fez o Estágio II.

A carga horária total do Estágio III é de 120 horas-aula, distribuídas no plano de atividades conforme os quadros a seguir.

Estágio III**Plano de atividades****Carga horária total: 120h****I. Carga horária em atividades de observação e co-participação: 50h****II. Carga horária em atividades fora da escola: 40h****III. Carga horária em atividades de participação: 30h****I. Atividades de observação e co-participação**

Atividade	CH (horas)
1. Observação de aulas	15 a 20
2. Co-participação (correção de exercícios em aula, aplicação e acompanhamento de atividades pedagógicas, orientação e atendimento a alunos, narração de histórias, planejamento e montagem de mural, exposição de conteúdo, acompanhamento de alunos com dificuldades de aprendizagem)	20 a 25
3. Reuniões com o regente-tutor (orientação/planejamento/avaliação)	8
4. Participação em conselho de classe	2
CARGA HORÁRIA TOTAL	50

II. Atividades fora da escola

Atividade	CH (horas)
5. Leitura do material didático da disciplina e pesquisa bibliográfica	10
6. Correção/avaliação de trabalhos de alunos	5
7. Confeção de material didático	5
8. Confeção de instrumento de avaliação	5
9. Leitura e elaboração de resenha de livro paradidático	6
10. Seleção de textos e materiais audiovisuais	5
11. Elaboração de relatório final	4
CARGA HORÁRIA TOTAL	40

III. Atividades de participação

Atividade	CH (horas)
12. Elaboração de textos-base	12
13. Elaboração de planos de aula	4
14. Elaboração de material didático	10
15. Aulas	4
CARGA HORÁRIA TOTAL	30

Cada um dos três quadros do plano corresponde a um tipo de atividade. Os Quadros I e II são semelhantes aos do Estágio II. Há, no entanto, diferenças na distribuição da carga horária, além da inclusão de novas atividades e da supressão de outras. Certas atividades do Estágio II serão realizadas novamente. Nesses casos, você utilizará as orientações já fornecidas em Estágio II. A fim de facilitar a consulta ao livro, mantivemos a mesma numeração das atividades. Para a elaboração do relatório final, reveja as orientações em Estágio I.

O Quadro III é exclusivo do Estágio III e inclui as atividades de participação. Por participação, entendemos atividades nas quais você deverá assumir integralmente a regência da turma. Em termos mais específicos, você deverá dar duas aulas completas, de dois tempos (ou duas horas-aula) cada uma, assim como deverá fazer todo o trabalho de preparação dessas aulas. Se, dadas as condições da turma-base, não for possível ministrar aulas duplas (isto é, de dois tempos), você poderá dar quatro aulas de um tempo.



As aulas ministradas corresponderão a suas avaliações presenciais do Estágio III.

QUADRO I – ATIVIDADES DE OBSERVAÇÃO E CO-PARTICIPAÇÃO**Atividade 1: Observação de aulas**

Esta atividade você já conhece desde o Estágio II. Sugerimos que releia, em Estágio II, as orientações específicas para a realização de boas observações de aula. A diferença é que, desta vez, você não precisará realizar observações em diferentes turmas, com diferentes regentes. Todas as observações serão feitas, de preferência, na turma-base. É necessário, porém, que, ao iniciar o estágio, você avalie, junto com o regente-tutor, as possibilidades de cumprir toda a carga horária destinada a observações apenas nessa turma. Leve em conta fatores como o número de aulas que a turma tem por semana, o número de feriados no semestre, a data de término das aulas no calendário escolar. Se chegar à conclusão de que não será possível, até o término do semestre letivo, cumprir de 15 a 20 horas de observação na turma-base, você pode completar essa carga acompanhando seu regente-tutor em outras turmas sob a regência dele ou, em último caso, observando aulas de outros professores.

Uma vez que a sequência dos vários períodos de estágio deve proporcionar a você um envolvimento e uma participação crescentes, procure, se possível, realizar **o mínimo de observações e o máximo de co-participações**. Como você vê no Quadro I do plano, há uma flexibilidade na carga horária dessas duas atividades, para que sejam feitas as adaptações necessárias em sua situação específica de estágio. Volte a consultar a disciplina Estágio II para lembrar a forma de computar e registrar a carga horária das atividades.

Atividade 2: Co-participação

Conforme indicado no Quadro I do plano, a maioria das atividades de co-participação será retomada do Estágio II. Trata-se, em geral, de atividades que todo professor tem de realizar sempre, como a correção de exercícios ou a orientação de alunos. Por isso, é inevitável (além de desejável) que, ao integrar-se à dinâmica normal do trabalho em sua turma-base, você volte a realizar muitas delas – o que ocorrerá novamente, aliás, no Estágio IV. Em contrapartida, não se trata, exatamente, de mera repetição, já que as circunstâncias particulares são outras: você tem agora uma nova turma-base e um novo regente-tutor, os conteúdos são diferentes, assim como os exercícios a serem corrigidos... No estágio, como já sabemos, estamos lidando com aspectos práticos da formação – e, quando se trata de prática, nada melhor que a exercitação continuada.

Vale aqui, também, o que dissemos no Estágio II: não é obrigatório que você realize todos os tipos de atividades propostos como co-participação. É claro que, quanto maior a variedade deles, maiores vão ser a riqueza de sua experiência e a contribuição do Estágio III para sua formação, mas o indispensável é apenas que você complete a carga horária mínima de 20 horas com essas atividades, mesmo que alguns tipos não cheguem a ser realizados.

Uma boa estratégia é procurar fazer atividades que você não fez no Estágio II, embora estivessem previstas no plano naquela ocasião. Assim, por exemplo, se você ainda não teve a oportunidade de planejar e montar um mural, procure fazê-lo agora. Se já o fez, talvez prefira empregar sua carga horária em outras tarefas. De qualquer forma, porém, o conjunto específico de co-participações que você fará vai depender das oportunidades concretas que aparecerem na turma-base, de seus interesses, habilidades e possibilidades pessoais, e daquilo que você planejar junto com o regente-tutor.

Visando ampliar continuamente o leque de suas experiências, acrescentamos duas atividades novas às co-participações: a exposição de conteúdo e o acompanhamento de alunos com dificuldades de aprendizagem. Para elas, você encontra, a seguir, orientações específicas. Para as demais, volte a consultar o material de Estágio II.

Exposição de conteúdo

Nesta atividade de co-participação, você assumirá a regência da turma por alguns minutos e fará a exposição oral de uma parte do conteúdo que estiver sendo trabalhado com a turma pelo regente-tutor nesse dia. Em outras palavras, você dará uma pequena aula expositiva, com duração de dez a vinte minutos. No restante do tempo de aula da turma, a regência será assumida pelo regente-tutor. O regente-tutor deve determinar, com antecedência, que parte do conteúdo caberá a você e em que momento da aula você fará a exposição. Esperamos que esta atividade sirva como uma preparação para as atividades de participação, quando você assumirá integralmente a regência da turma por quatro tempos de aula.

Já sabemos que a aula expositiva não é a única estratégia possível no trabalho pedagógico, e nem sempre é a melhor. Contudo, é uma das estratégias mais importantes que um professor precisa dominar.

Entre as vantagens que uma aula expositiva pode oferecer em relação a outras estratégias, podemos apontar as seguintes:

a. Ganho de tempo: Em geral, costuma ser mais rápido explorar um conteúdo por meio dessa estratégia do que explorá-lo por meio de trabalhos em grupo, debates ou estudos dirigidos, por exemplo.

b. Facilidade no preparo e na aplicação: Esse é um formato de aula geralmente mais fácil para o professor organizar e conduzir, pois é possível dispensar a preparação de materiais especiais. O aspecto mais trabalhoso diz respeito ao domínio do conteúdo pelo professor, domínio esse que precisa ser muito bom e que, de qualquer modo, também é exigido por outros tipos de estratégias. Além disso, o controle do andamento da aula fica mais concentrado nas mãos do professor, o que também representa uma facilidade.

c. Abrangência, aprofundamento e exatidão dos conhecimentos trabalhados: Como o controle de todo o processo fica centralizado nas mãos do professor, tanto ele quanto os alunos acabam sentindo-se mais tranquilos quanto à garantia desses aspectos, que ficam mais sujeitos a falhas quando a estratégia escolhida conta mais com a atividade dos próprios alunos.

Por outro lado, é preciso reconhecer algumas limitações e inconvenientes da aula expositiva (alguns dos quais, na verdade, são “o outro lado da moeda” das vantagens apontadas anteriormente...):

- a. Passividade dos alunos: O professor que trabalha o tempo todo com aulas expositivas corre o risco de alimentar atitudes comodistas e passivas em seus alunos. O aluno pode ser levado a crer que aprender é mera questão de ficar bem quietinho e ouvir com atenção – o que, sabemos bem, está muito longe da verdade... Esse aspecto está fortemente ligado à concepção de ensino-aprendizagem como um processo de transmissão de conhecimento.
- b. Dispersão e falta de envolvimento dos alunos: Esse problema é uma decorrência do anterior. Se o aluno sente que a atividade desenvolvida em aula não depende dele, mas apenas da atuação do professor, acaba desmotivado e desinteressado. Isso se agrava se as aulas expositivas forem muito longas e, mais ainda, se o professor, durante a exposição, não abrir espaço para dialogar com os alunos.
- c. Identificação de “saber” com “memorizar”: A aula expositiva pode alimentar a idéia de que o conhecimento já está pronto desde sempre, e que é definitivo. A cada pessoa caberia apenas memorizar aquilo que há para saber. Fica obscurecido o processo de construção do conhecimento como busca dinâmica e constante de respostas para as questões humanas. Se isso ocorre, a avaliação acaba sendo mero processo de reprodução, ou seja, saber é ser capaz de repetir o que o professor falou. Empobrecem-se as oportunidades de criar e questionar.

É claro que não estamos querendo dizer que toda aula expositiva acarretará, necessariamente, problemas como esses. Apenas alertamos para a importância de dosar, ao longo do curso, as variadas estratégias, e para o cuidado que é preciso ter ao optar pela aula expositiva. Com a prática e atenção aos detalhes que apontamos aqui, você pode ministrar aulas expositivas muito boas e úteis para os alunos.

Como temos repetido em todas as atividades do estágio, também nesta a preparação é fundamental. Não se esqueça de que o primeiro passo é estudar muito bem o conteúdo a ser apresentado.

Em seguida, você precisará optar entre organizar sua exposição indutiva ou dedutivamente. No primeiro caso, parte-se de uma situação concreta, que é discutida e analisada antes de se passar a uma generalização – ou seja, à formulação de um conceito, uma regra, um princípio, uma lei... No segundo caso, a generalização é apresentada e depois ilustrada com exemplos concretos. Em geral, nossa tradição escolar tem privilegiado a segunda possibilidade – o percurso dedutivo. É uma pena, porque o percurso indutivo se mostra, muitas vezes, mais interessante e produtivo, principalmente com alunos mais jovens, que ainda precisam muito das vivências concretas para desenvolver sua compreensão da realidade. A abordagem indutiva encoraja o aluno a explorar suas experiências pessoais, a refletir sobre sua realidade imediata.

Seja qual for sua opção nesse terreno, tenha sempre em mente que a **interação com os alunos** deve ser buscada o tempo todo. *Interagir* significa agir conjuntamente, trocar, cooperar – logo, uma boa aula expositiva deve tender, de preferência, a ser uma aula dialogada. Isso quer dizer que falar aos alunos é tão importante quanto ouvi-los. Envolve-os na atividade por meio de questionamentos, faça-os sentirem-se desafiados. Aproveite as perguntas e intervenções deles como pontos de apoio para dar continuidade à sua exposição. Valorize ao máximo a contribuição de cada um. Correlacione os conteúdos apresentados com exemplos de situações familiares aos alunos, correntes na vida cotidiana. Inclua histórias, anedotas, casos engraçados, referências aos noticiários recentes ou a personagens, programas e situações exibidos na televisão – desde que tenham, é claro, relevância para o conteúdo abordado. Peça mais exemplos aos próprios alunos, aproveite a experiência pessoal deles. É produtivo e enriquecedor, também, utilizar materiais de apoio, como diferentes recursos audiovisuais.

Sempre que desenvolver uma exposição oral, lembre-se ainda dos seguintes detalhes:

- a. Tenha cuidado com a postura e a expressão corporal. O ideal, durante a exposição, é permanecer de pé e deslocar-se moderadamente diante da turma enquanto fala. Mantenha a cabeça erguida, pois isso, inclusive, melhora o aproveitamento da voz. Não se encoste na mesa ou nas paredes, não sente na mesa. Gesticule com naturalidade, mas evite movimentar as mãos diante do rosto.
- b. Olhe para os rostos dos alunos enquanto fala. O contato visual é muito importante para o sucesso da comunicação oral. Para que todos os alunos sintam que estão recebendo atenção, evite fixar o olhar em apenas um grupo. “Passeie” o olhar pela sala, olhando para diferentes pontos alternadamente.
- c. Fale com calma e pausadamente, articulando bem as palavras e controlando a respiração. Assim, não será necessário falar muito alto. Evite sempre ultrapassar seus limites pessoais quanto ao volume da voz, pois isso pode acarretar sérios problemas de saúde. Falar com clareza, de modo a ser entendido por todos os presentes, não significa falar muito alto. Para facilitar, visualize os alunos que estiverem mais distantes de você – os da última fileira da sala de aula – e imagine que está falando para eles. Assim você poderá dosar o volume da voz sem exageros desnecessários. Jamais tente suplantar ruídos do ambiente elevando a voz. Se preciso, interrompa sua fala até ter condições de continuar.
- d. Evite o excesso de expressões fáticas, como “né?”, “entende?”, “tá certo?”, “tá bem?”, “está claro?”. Expressões como essas não acrescentam nenhuma informação relevante. Servem apenas para verificar se o canal de comunicação está funcionando bem, se o ouvinte está acompanhando o orador, se está afinado com ele. Usadas em excesso, causam uma impressão de insegurança, e podem chegar, em alguns casos, a prejudicar a clareza e a favorecer a distração dos alunos.

e. Cuide da linguagem, de modo geral. Busque a simplicidade e a clareza de expressão, mas não tente reproduzir os modos de falar das crianças e adolescentes. Evite gírias, e em nenhuma hipótese utilize linguagem vulgar. Sua linguagem precisa ser condizente com o ambiente de trabalho e com seu papel profissional. Além disso, nunca se esqueça de que, querendo ou não, um professor é sempre um exemplo para seus alunos. Qualquer que seja sua disciplina, encare sua fala como mais uma oportunidade para os alunos travarem contato com o uso adequado da língua portuguesa.

f. Se quiser, prepare previamente um roteiro de apoio para sua exposição, numa folha de papel ou ficha de cartolina. Esse material pode representar um excelente reforço para sua autoconfiança e tranquilidade, melhorando suas chances de sucesso. Sinta-se à vontade para, durante a exposição, consultar seu roteiro sempre que achar necessário. Cuidado, porém: sua exposição não deve ser realizada como simples leitura em voz alta de um roteiro ou texto escrito!

Acompanhamento de alunos com dificuldades de aprendizagem

Um dos desafios que se apresentam hoje ao professor é garantir condições de aprendizagem a todos os seus alunos, respeitadas as diferenças individuais. É comum e normal que, numa turma, haja grandes diferenças de desempenho individual. Para o êxito do processo pedagógico é preciso, em certos casos, oferecer atenção individualizada a alguns alunos.

Nesta atividade, esperamos que você possa atuar como um auxiliar do regente-tutor na tarefa de atender os alunos com dificuldades de aprendizagem. O modo específico de realização do trabalho será planejado com o regente-tutor. Sugerimos que a atuação do estagiário se dê em sala de aula, durante o horário normal das aulas.

Uma boa forma de atuar é sentar-se junto aos alunos que necessitam de um atendimento especial durante a realização das tarefas de aula, para orientá-los e auxiliá-los na medida do necessário. Assim, por exemplo, durante a resolução de determinado exercício pela turma, um pequeno grupo de alunos poderá receber auxílio e orientação mais de perto. Você dará essa atenção a eles, enquanto o regente-tutor se ocupa de todos os demais. Esse grupo pode se manter o mesmo por várias aulas seguidas ou ser alterado em função dos tipos de dificuldades que os alunos apresentam ou de seu progresso individual.

Como estagiário integrado ao processo pedagógico da turma, você pode auxiliar o regente-tutor também na identificação dos tipos de dificuldades e dos alunos que mais necessitam de acompanhamento especial. Para os detalhes da orientação aos alunos, consulte o material de Estágio II (Co-participação c – orientação e atendimento a alunos). Enquanto acompanha o grupo selecionado, observe os alunos e colete dados que possam servir para você e o regente-tutor refazerem continuamente a avaliação do processo. Uma outra forma de realizar este atendimento aos alunos com dificuldades é fornecer-lhes atividades especialmente preparadas para eles, que serão feitas em casa e entregues para você corrigir também em casa. Nesse

caso, você pode aproveitar as orientações fornecidas mais adiante, para a preparação de exercícios e outros materiais didáticos. Corrija as tarefas cuidadosamente e, ao devolvê-las aos alunos, explique onde erraram e forneça as respostas certas com as devidas justificativas e esclarecimentos.

As duas formas de atendimento descritas – em sala ou por meio de tarefas extraclasse – podem ser desenvolvidas separada ou conjuntamente. O importante, em se tratando de alunos com dificuldades, é avaliar exatamente suas necessidades individuais, para lhes oferecer o atendimento mais adequado possível. Oriente-os quanto à consulta a livros, ao aproveitamento do tempo, à organização do material – enfim, quanto aos hábitos e procedimentos inerentes às habilidades de estudo. Reconheça e valorize o progresso deles e os incentive a perseverar. Parte de seu trabalho, neste tipo de co-participação, consistirá em estabelecer um bom relacionamento pessoal com os alunos que lhe couber atender, de modo que, pela aproximação afetiva, eles se sintam à vontade para recorrer a você e tenham a certeza de contar com seu apoio.

Atividade 4: Participação em conselho de classe

O Conselho de Classe (COC) é, na maioria das escolas, uma parte importante do processo de avaliação do trabalho pedagógico. No Estágio I, você teve oportunidade de observar uma reunião desse tipo. Agora, no Estágio III, propomos que você compareça a outro COC. A diferença, dessa vez, é que você vai participar de um COC específico: aquele que fará a avaliação de sua turma-base de estágio. Além disso, ao contrário do que ocorreu no Estágio I, você não estará presente apenas como observador, mas vai, efetivamente, participar e contribuir, a partir de sua vivência em sala de aula com a turma.

Os objetivos gerais de um COC podem ser sintetizados em dois:

- I. Avaliar o andamento do processo ensino-aprendizagem de uma turma (ou das turmas de uma série), com atenção a aspectos cognitivos, afetivos e sociais, identificando avanços e sucessos, bem como dificuldades ou problemas.
- II. Propor formas de atuação conjunta que garantam a continuidade e a melhoria do processo, planejando ações para a superação dos problemas identificados.

Esses objetivos costumam ser desenvolvidos em termos de aspectos como os seguintes:

- a. Desempenho demonstrado pela turma/série em atividades diversas.
- b. Participação dos alunos nas atividades propostas em sala de aula e na escola como um todo (nível de interesse, de envolvimento, de cooperação, de organização...).
- c. Relações socioafetivas entre os alunos da turma, entre a turma e seus professores, e entre a turma e demais segmentos da escola.

- d. Habilidades, conteúdos ou disciplinas que apresentam maior nível de dificuldade.
- e. Alunos com dificuldades específicas.

É de grande importância a participação, nessa atividade, de todos os segmentos envolvidos no processo. Trata-se, afinal, de uma construção coletiva, em que diferentes perspectivas devem somar-se a fim de encontrar caminhos mais adequados para a eficácia do trabalho educativo. Participam, portanto, do COC, os professores da turma/série em todas as disciplinas, membros da equipe técnico-pedagógica e, em muitas escolas, representantes dos alunos. Em algumas escolas, participam também funcionários não-docentes (como, por exemplo, inspetores de alunos). É fundamental que cada participante contribua com sua avaliação do andamento do trabalho e com sugestões de ações futuras que possam tornar o processo mais eficiente e mais satisfatório para todos os envolvidos.

Para o sucesso do COC, o ideal é que todos os participantes se preparem previamente. Os representantes dos alunos, por exemplo, costumam se reunir com os colegas da turma/série, às vezes sob orientação de um professor ou pedagogo, para fazer um levantamento e uma discussão das questões que precisam levar ao COC. Os diferentes professores precisam organizar suas observações resultantes do trabalho em sala de aula, identificando e priorizando os pontos que julgam importante discutir.

Você, como estagiário, deverá atuar como um auxiliar do regente-tutor. Converse antes com ele para trocarem idéias sobre o processo de sua turma-base. Os dois objetivos gerais e seus desdobramentos, listados aqui, podem servir de guia para vocês levantarem, juntos, os pontos que devem ser levados ao COC, no que diz respeito tanto ao trabalho já realizado, como a propostas de ação futura. Contribua apresentando sua própria visão do processo ao regente-tutor. No momento da realização do COC, você deve estar preparado para interagir como mais um participante, ao lado do regente-tutor. É sempre uma boa idéia levar com você algumas anotações importantes, bem como ter à mão um bloco para outras anotações que se façam necessárias durante a reunião. Após o COC, será interessante você voltar a se reunir com o regente-tutor, dessa vez para avaliar a própria reunião e sua atuação como estagiário.



A preparação conjunta para o COC, bem como a avaliação posterior, podem ser computadas como carga horária de reunião em sua agenda de atividades.

Se, por qualquer razão, não for possível você tomar parte no COC de sua turma-base, substitua essa atividade por um trabalho escrito, lançando normalmente em sua agenda de atividades a carga horária prevista para participação no COC. Esse trabalho será um relatório em que você apresentará ao regente-tutor sua avaliação do processo ensino-aprendizagem na turma-base e suas propostas de aperfeiçoamento. Utilize os objetivos gerais e seus desdobramentos, listados aqui, como um roteiro para o relatório. Ele deve ser entregue ao regente-tutor, de preferência, antes da data prevista para o COC. Assim, poderá ser uma fonte de informações e idéias para o regente-tutor enriquecer sua própria participação na reunião, se julgar o conteúdo do texto pertinente, e você terá tido a oportunidade de dar uma contribuição relevante, mesmo sem comparecer.



A participação no COC só deve ser substituída pelo relatório escrito em caso de total impossibilidade de comparecimento (seja por dificuldades pessoais, seja por impedimentos por parte da escola). O ideal, para uma formação mais rica e completa, e um estágio mais interessante, é que você participe diretamente da reunião.

QUADRO II – ATIVIDADES FORA DA ESCOLA**Atividade 7: Confeção de material didático**

No material de Estágio II, você recebeu algumas orientações sobre como confeccionar materiais didáticos aproveitando matérias-primas diferentes, como sucata e objetos comuns do dia-a-dia. No Estágio III, você voltará a realizar a atividade de confecção de material didático, e pode retomar aquelas sugestões. Acrescentaremos agora, porém, outro tipo de orientação, destinada a ajudar você a estruturar exercícios, estudos dirigidos, propostas de pesquisa, roteiros de trabalho em grupo e materiais similares.

A facilidade de encontrar materiais prontos, em livros didáticos, e o ritmo acelerado e desgastante de trabalho na vida atual acabam levando muitos professores a abrir mão de confeccionar, eles mesmos, os exercícios a serem propostos a seus alunos. É comum que a falta de infra-estrutura das escolas, que nem sempre dispõem de pessoal, papel e equipamentos necessários para a reprodução de materiais impressos, também acabe contribuindo para essa situação.

No entanto, devemos sempre lembrar que todo professor precisa desenvolver a habilidade de confeccionar seu próprio material didático. Isso é particularmente importante, se buscamos um ensino voltado para as necessidades de nossos alunos. Afinal, se cada turma tem sua singularidade em termos de experiências prévias, de interesses, de habilidades, de vivências culturais em sua comunidade, não seria razoável esperar que materiais padronizados fossem adequados a todo e qualquer aluno em qualquer escola. Assim, mesmo que o professor opte por adotar um livro didático, é necessário que esteja preparado para fazer as adaptações cabíveis, seja selecionando as partes do livro que efetivamente utilizará, seja desenvolvendo seu próprio modo de utilizar essas partes ou, ainda, elaborando outros materiais para complementar o que é oferecido no livro.

Um livro didático não é um plano de curso! Ele é apenas um material – entre outros possíveis – que está disponível como apoio para o trabalho de professores e alunos. Pode ser um material muito útil e valioso se for bem selecionado e usado de forma criteriosa.

Ao confeccionar seus próprios materiais, o professor obtém a vantagem da atualidade e da relevância quanto aos interesses imediatos de seus alunos. Podem, por exemplo, ser aproveitados fatos do momento, presentes nos noticiários da semana, assim como podem ser desenvolvidas e aprofundadas questões surgidas naturalmente ao longo do próprio processo ensino-aprendizagem daquela turma específica (dúvidas ou curiosidades manifestadas durante as aulas, por exemplo). Preso apenas ao que já se encontra pronto para uso no livro didático, o professor poderá perder (infelizmente, com prejuízo para os alunos...) muitas boas oportunidades de tornar seu trabalho mais rico e significativo.

Ao confeccionar um exercício, a primeira coisa que precisa ser claramente estabelecida é o que se pretende com ele, ou seja, que objetivos ele deve atingir. Um exercício para rever conteúdos já vistos é, sem dúvida, diferente do exercício proposto pela primeira vez para aqueles mesmos conteúdos. Da mesma forma, um exercício ministrado após a explicação de um conteúdo tem de ser diferente de um outro proposto antes de qualquer explicação, destinado a levar os alunos a descobrirem por si mesmos certos conceitos. Por essa razão, não faz sentido elaborar exercícios “no vazio”, desvinculados da seqüência de atividades na qual deverão se encaixar. Um exercício excelente para certo momento de uma aula pode ser inadequado a outro momento da mesma aula.

A consideração dos objetivos pretendidos tem reflexo imediato nos formatos escolhidos para os exercícios. Por exemplo, que formato de exercício você considera mais favorável para o aluno aprender algum conteúdo: uma questão de múltipla escolha ou uma pergunta de resposta aberta? Em princípio, uma questão de múltipla escolha serve melhor à avaliação que à aprendizagem; ou seja, ela permite avaliar se o aluno aprendeu determinado conteúdo, mas costuma ser muito limitada para o propósito de desenvolver a aprendizagem em si.

Ao elaborar uma seqüência de exercícios, o professor deve levar em conta, ainda, a gradação de dificuldade e a variação dos tipos de procedimentos e habilidades requeridos dos alunos para a realização daquela tarefa. Quanto à gradação de dificuldade, o mais natural é que ela seja crescente. Isso facilita, por um lado, a tarefa do aluno e, por outro lado, a avaliação que o professor pode fazer a partir da observação do desempenho do aluno na atividade.

A variação dos tipos de procedimentos e habilidades requeridos é um aspecto freqüentemente negligenciado. Um exemplo desse fato são as longas listas de exercícios repetitivos utilizadas por muitos professores nas diferentes disciplinas. Antes de propor que seus alunos façam cinquenta exercícios praticamente iguais, convém que o professor reflita sobre as concepções de aprendizagem subjacentes a esse tipo de prática. Não haveria aí uma implícita equivalência entre aprendizagem e treinamento? E uma tendência a identificar conhecimento com reprodução? Seja qual for a decisão que o professor tome nesse terreno, é indispensável que esteja ciente das implicações.

Não pretendemos afirmar, com isso, que seja inadequado, em princípio, propor aos alunos grandes quantidades de exercícios. Queremos, sim, chamar atenção para o fato de que o ideal é conciliar quantidade com variedade, em termos dos diferentes procedimentos e habilidades requeridos do aluno para a realização da tarefa. Algumas possibilidades de diferentes focos que um exercício pode ter, e que podem ser alternados numa seqüência de exercícios, são as seguintes:

a. Reprodução simples e direta de conteúdo explicado pelo professor ou encontrado no texto do livro didático (por exemplo: preenchimento de lacuna com um conceito-chave ou exercício do tipo “falso ou verdadeiro” calcado em informações fornecidas previamente pelo professor).

- b. Transferência de conteúdo para solução de novos problemas (por exemplo: aplicação de um modelo de equação a um problema diferente daqueles apresentados pelo professor como exemplos do conteúdo explicado – observe, nesse caso, que o grau de “diferença” entre o problema exposto como exemplo pelo professor e o problema proposto como exercício ao aluno pode variar muito, desde a mera troca dos dados específicos até mudanças mais profundas na estrutura e complexidade do problema.).
- c. Aplicação de conteúdos à compreensão de informações novas (por exemplo: interpretação de um gráfico, de uma imagem ou de uma notícia de jornal à luz do que se aprendeu sobre determinado assunto).
- d. Integração de diferentes conteúdos (inclusive oriundos de diferentes áreas do conhecimento ou disciplinas) para compreensão de certas situações e solução de novos problemas (por exemplo: emprego de conhecimentos sobre multiplicação e sobre unidades de medida, além de habilidades de leitura, para calcular a dosagem adequada de um medicamento, a partir das informações da bula, sobre idade e massa corporal do paciente; combinação de conhecimentos de Matemática e de Nutrição para decidir a melhor forma de uma dona de casa gastar seu dinheiro na feira; articulação de conhecimentos de Química e de Física para explicar o funcionamento de um motor a explosão).
- e. Formulação de generalizações a partir da observação de casos particulares (por exemplo: distribuição, em conjuntos, de diferentes figuras geométricas e, a partir disso, inferência de conceitos como “triângulo” e “quadrilátero”; inferência do conceito de “cadeia alimentar” a partir da análise de exemplos de cadeias alimentares específicas).

Variando-se esses diferentes focos (além de outros que você irá descobrindo), juntamente com o grau de dificuldade, é possível formular exercícios mais ricos e interessantes.

Qualquer que seja o tipo de exercício, vale a pena observar também as seguintes recomendações gerais:

- a. A vida, o mundo são muito interessantes! Retire da realidade a “inspiração” para as tarefas que propuser a seus alunos. Seus exercícios ganharão maior grau de relevância e interesse. (A leitura freqüente de jornais e revistas pode ser uma boa aliada para você conseguir isso...)
- b. Todo cuidado é pouco na redação dos enunciados das tarefas. O enunciado de qualquer tarefa didático-pedagógica precisa ser claro, direto e objetivo. Esteja sempre atento a possíveis diferenças entre você e seus alunos na forma de compreender certos modos de dizer, incluindo o significado de certas palavras. É indispensável, também, que o enunciado seja livre de “erros de português” de todo tipo. Afinal, o texto produzido pelo professor será sempre tomado como um possível “modelo” pelos alunos, mesmo inconscientemente. Se tiver dúvidas nesse ponto, não hesite em pedir ajuda, seja ao regente-tutor, seja a colegas (inclusive professores de Português...).

Numa prova para uma turma de quinta série, a professora solicitou: “Ilustre sua resposta com um fragmento do texto.” Todos os alunos da turma fizeram um desenho no espaço destinado à resposta! Obviamente, não conheciam o sentido da palavra “ilustrar” como sinônimo de “exemplificar”. Esse caso real demonstra o tipo de dificuldade que um enunciado pode representar para o aluno, e nos lembra os cuidados que precisamos ter tanto em sua redação quanto na forma de avaliar as resposta recebidas.

c. Tenha cuidado também com os aspectos gráficos e visuais de todo material impresso. O material deve ser limpo e nítido, bem diagramado, com bom aproveitamento do espaço da página. Se possível, inclua imagens, quando relevantes; mas evite imagens meramente decorativas, que podem distrair ou confundir. Se usar textos extraídos de jornais, revistas, folhetos, o ideal é que eles sejam oferecidos ao aluno com a aparência gráfica original, em vez de serem digitados novamente pelo professor. Assim, o aluno irá se familiarizando com as características visuais próprias de cada veículo, o que é uma parte importante do desenvolvimento de suas habilidades como leitor. Isso significa, na prática, que a fotocópia é um meio de reprodução de materiais impressos melhor do que o mimeógrafo, considerando-se as finalidades didático-pedagógicas. Faça com que seus materiais sejam bonitos e atraentes quanto possível, considerando os recursos de que você dispõe.

d. Não tenha receio de ser criativo e inovador no formato e no conteúdo de seus exercícios! Seus alunos vão gostar de se sentir desafiados e de ser incentivados a fazer coisas diferentes. Muitos exercícios podem assumir a forma de jogos. Uma boa fonte de inspiração vem de nossa própria infância e adolescência. Adapte jogos e brincadeiras dos quais você gostava para que sirvam a suas finalidades de ensino. Jogos de cartas, por exemplo, são muito fáceis de construir com folhas de cartolina, tesoura e caneta, e podem ser adaptados a diferentes conteúdos escolares. O mesmo vale para jogos de memória, bingo, jogos de tabuleiro, batalha naval... Os próprios alunos podem ajudar na confecção do material. Experimente! Com o tempo e a prática, você sentirá cada vez mais facilidade em construir atividades diferentes e divertidas que vão surpreender e estimular seus alunos.

Atividade 8: Confecção de instrumento de avaliação

Quando usamos o termo *instrumento de avaliação*, podemos estar nos referindo a uma grande diversidade de tipos de instrumentos, desde a prova tradicional, passando por instrumentos interdisciplinares (como a prova do ENEM), até uma ficha para auto-avaliação. Aqui vamos nos ocupar da elaboração de uma prova (ou teste) relativa a uma unidade do conteúdo programático da turma que você está acompanhando.

Como qualquer tarefa, esta pressupõe uma série de etapas que, se bem realizadas, podem contribuir para a criação de um instrumento eficiente, capaz de traduzir não só o desempenho de cada aluno da turma, mas

também o sucesso ou não da situação ensino-aprendizagem como um todo.

Assim, o primeiro passo é delimitar o objetivo do instrumento: o que estou querendo avaliar? Delimitamos, deste modo, o conteúdo específico que esperamos que os alunos tenham aprendido. É importante bastante clareza em relação à relevância dos conteúdos, para não cobrar desnecessariamente o que já foi pedido em testes anteriores, por exemplo.

A etapa seguinte é estabelecer a melhor forma de verificar se esse aprendizado se deu: qual(is) tipo(s) de questão melhor se adequa(m) à verificação da aprendizagem desses conteúdos? Definimos, então, se serão incluídas questões discursivas ou objetivas, de múltipla-escolha, associação etc. De modo geral, é bom incluir tipos variados de questões, pois isso torna a tarefa do aluno menos enfadonha, além de propiciar oportunidades mais amplas de sucesso. Decidimos também nesse momento se haverá um ou mais textos, figuras, tabelas ou gráficos na prova, dos quais serão extraídas as questões, verificando sempre se eles são de fato relevantes para a resolução das questões e se sua extensão e sua complexidade são apropriadas.

A próxima tarefa é estabelecer o número de questões a serem elaboradas, tendo em vista simultaneamente os conteúdos selecionados e o tempo previsto para a resolução da prova. Procure calcular o tempo necessário para responder, com calma, a todas as questões, levando em conta a possibilidade de ensaio e erro dos alunos. Lembre-se de que eles têm ritmos diferentes, e o instrumento deve contemplar a todos – afinal, não é um teste de velocidade.

Enfim, é o momento de você formular as questões. Procure usar a linguagem mais clara e direta possível, empregando as palavras em sentido denotativo e a mesma terminologia usada durante as aulas. Evite fazer da complexidade do enunciado a dificuldade da questão. Embora esse tipo de estratégia seja usado em concursos, não é muito honesto para com os alunos e, em vez de um estimulante desafio, pode se tornar um obstáculo frustrante.

Tente elaborar as questões com diferentes graus de dificuldade, sempre compatíveis, é claro, com o grau máximo de dificuldade exigido nas aulas e exercícios de fixação. Questões com diferentes graus de dificuldade permitirão verificar com mais acuidade até onde a matéria foi ou não aprendida. Também é bom formular questões que envolvam diferentes tipos de raciocínio e de habilidades, pois, além de tornarem a prova interessante, permitem verificar a versatilidade dos alunos, estimulando-os a raciocinar, evitando as tentativas indesejáveis de “decorar” os conteúdos e a forma de serem cobrados.

Sempre que formular uma questão, elabore também o padrão de resposta, para poder certificar-se da adequação da mesma. Faça ainda uma previsão de como vai distribuir a nota entre as questões – isso facilita bastante a tarefa posterior de corrigir as provas. Estabeleça o valor de cada questão, conforme sua extensão e grau de dificuldade, decidindo desde já se haverá fracionamento de valores e, caso haja, como se dará. Se, em vez de grau numérico, você for atribuir um conceito ao instrumento (como A, B, C ou MB, B, R...), faça desde já, da mesma forma, esse tipo de previsão.

Finalmente, monte a diagramação da prova visando à máxima clareza, tanto no que diz respeito ao entendimento que o aluno precisará ter para poder resolver as questões, quanto no que se refere aos espaços para as respostas que você terá de ler depois. Tenha cuidado especial com a nitidez da reprodução de imagens, gráficos e desenhos, se houver, e faça uma cuidadosa revisão da correção da linguagem e da digitação.

Se for uma prova a ser aplicada por outras pessoas, verifique a necessidade de incluir, no início, instruções gerais, como permissão ou não para usar material de consulta, lápis ou caneta, calculadora; tolerância ou não a rasuras etc.

Recorra ao regente-tutor para orientações relacionadas à sua situação específica de estagiário e entregue a ele a prova ou teste quando concluir a elaboração. Se seu trabalho for bem-sucedido, o regente-tutor talvez deseje aplicá-lo no processo de avaliação da turma-base. Nesse caso, é importante combinar com ele, também, um prazo máximo para a entrega.

Caso você queira obter informações sobre as técnicas de elaboração dos diferentes tipos de questão, há bibliografia especializada sobre o assunto como, por exemplo, *Provas Objetivas, Discursivas, Orais e Práticas*, de Ethel Bauzer Medeiros, da Editora Fundação Getúlio Vargas.

Atividade 9: Leitura e elaboração de resenha de livro paradidático

Você sabe o que é uma resenha? Se você costuma ler as seções de cultura ou os suplementos literários de jornais e revistas, certamente já leu muitos textos desse tipo. Uma resenha é um texto crítico sobre alguma produção cultural – em geral, filmes, peças teatrais ou livros. No Estágio III, você fará uma resenha de livro – mais exatamente, de um livro paradidático da área específica de seu curso de Licenciatura.

Livros paradidáticos são um importante complemento para o trabalho pedagógico em todas as disciplinas. Eles oferecem ao aluno um aprofundamento em algum conteúdo específico, ao mesmo tempo que costumam estimular a transferência de aprendizagens escolares para a compreensão de aspectos interessantes e relevantes do mundo atual. Além disso, representam uma oportunidade de desenvolver habilidades de leitura.

Uma visão tradicional sobre ensino de leitura, muito difundida em nossa prática escolar, considera que essa é uma atribuição exclusiva dos professores de Português. Essa concepção vem sendo criticada e revista. Afinal, se entendemos leitura em sentido amplo, como “leitura de mundo”, a formação de um leitor vai muito além do simples domínio da língua. Nesse sentido, formar leitores é responsabilidade da escola como um todo – logo, é um trabalho a ser compartilhado entre os professores das diferentes disciplinas.

Há hoje uma grande oferta de obras paradidáticas no mercado editorial. Assim como acontece com os livros didáticos, é necessário que o professor faça uma criteriosa leitura dessas obras ao selecioná-las para indicação a seus alunos. Para você, como professor de uma disciplina específica, é bom ir formando um repertório de leitura desse tipo de livro. Você passará a ter seus preferidos, poderá fazer indicações adequadas à curiosidade e ao nível de habilidade de seus alunos, e tenderá a ser cada vez mais exigente quanto à qualidade desses textos. A atividade de elaboração de resenha deve despertar seu interesse por esse tipo de material e ajudá-lo a iniciar seu repertório, além de favorecer o desenvolvimento de sua habilidade crítica.

O primeiro passo para realizar essa atividade é a escolha do livro que vai ser objeto da resenha. Se houver um livro paradidático previsto no planejamento pedagógico de sua turma-base, você pode trabalhar com ele. Outra opção é procurar descobrir alguns títulos de interesse para sua disciplina, o que pode ser feito por meio de visita a livrarias ou em consulta a catálogos de editoras. Se optar pelos catálogos, lembre-se de que os resumos e comentários encontrados neles não substituem sua leitura das obras. O catálogo não tem como objetivo apresentar uma análise crítica do livro, e sim vendê-lo. Ou seja, trata-se de uma peça publicitária; portanto, qualquer livro ali apresentado será descrito como excelente – o que pode ser verdade ou não. Utilize os catálogos como ponto de partida, apenas para tomar conhecimento do que as editoras têm a oferecer. É possível encontrar catálogos na internet. Veja no final desta seção alguns endereços. (Será ótimo se você descobrir outros!)

Selecione os títulos que lhe parecerem mais interessantes e procure obtê-los. Algumas editoras distribuem certo número de exemplares gratuitamente, com fins de divulgação. Você também pode recorrer a empréstimos junto a amigos e colegas, ou a bibliotecas. Uma boa idéia é organizar-se com um grupo de colegas do curso e comprar, cada um, um livro diferente. Depois, por empréstimo, esses livros podem ser compartilhados pelos membros do grupo.

Após essa primeira busca, você deve estar em condições de escolher o livro sobre o qual escreverá a resenha. O passo seguinte é lê-lo. Mesmo que você já tenha feito uma primeira leitura rápida antes de se decidir por esse livro, convém lê-lo novamente, agora com mais atenção aos detalhes. Enquanto lê, faça anotações das idéias que achar relevantes para seu trabalho.

Uma resenha contém, basicamente, um resumo do conteúdo do livro e uma apreciação crítica. Não é necessário que esses dois pontos apareçam separados no texto, um após o outro. Eles podem ser tratados simultaneamente ao longo de todo o texto. O importante é lembrar que o objetivo principal de uma resenha é dar conhecimento básico e geral do livro a um leitor que não o tenha lido. Esse “leitor imaginário” precisa, então, saber do que trata o livro e se vale ou não a pena lê-lo. Cerca de duas páginas digitadas (ou três manuscritas) devem ser suficientes para você apresentar essas informações. Se você nunca leu uma resenha, sugerimos que procure ler algumas antes de realizar esta atividade. Como observamos anteriormente, elas podem ser encontradas nas seções ou cadernos de cultura de jornais e revistas.

Veja alguns endereços de editoras que mantêm catálogos de paradidáticos na internet:

<http://www.atica.com.br>

<http://www.atualeditora.com.br>

<http://www.editorasaraiva.com.br>

<http://www.moderna.com.br>

<http://www.scipione.com.br>

QUADRO III – ATIVIDADES DE PARTICIPAÇÃO

O Quadro III do plano inclui as atividades de participação. Por participação, entendemos atividades nas quais você deverá assumir integralmente a regência da turma. Em termos mais específicos, você deverá dar duas aulas completas, de dois tempos (ou duas horas-aula) cada uma, assim como deverá fazer todo o trabalho de preparação dessas aulas. Se, dadas as condições da turma-base, não for possível ministrar aulas duplas (isto é, de dois tempos), você poderá dar quatro aulas de um tempo. As aulas ministradas corresponderão a suas avaliações presenciais do Estágio III. Os conteúdos e objetivos das aulas que você vai ministrar, bem como as datas, serão estipulados pelo regente-tutor. É ele também que vai ajudar você a planejar o trabalho, desde o estudo do assunto até a seleção das estratégias e a avaliação. Dois instrumentos têm papel especial na fase de planejamento: o **texto-base** e o **plano de aula**.

Atividade 12: Elaboração de textos-base

O texto-base é um trabalho escrito em que você apresentará seu conhecimento acerca dos conteúdos específicos da aula que dará. Você fará um texto-base para cada uma das aulas, uma vez que elas terão conteúdos diferentes. Antes de começar a escrever esse texto, é indispensável que você realize um bom estudo do assunto em questão. Pesquise, procure livros e outros materiais relevantes, leia muito, aprofunde e enriqueça seus conhecimentos.



O estudo constante é parte da rotina de trabalho de todo professor. Aproveite o estágio para aprender mais sobre sua disciplina específica.

Conforme já comentamos no Estágio II, um professor não tem de saber tudo sobre sua disciplina, mas tem de saber muito bem aquela parte que estiver trabalhando com seus alunos em dado momento. O grau de domínio que o professor tem do conteúdo específico influi muito na qualidade de uma aula, inclusive pela sensação de segurança e tranquilidade que o professor pode imprimir a seu trabalho. É necessário que, em seu estudo pessoal, o professor vá sempre além daquilo que pretende ensinar de fato a seus alunos. Isso lhe permite uma visão mais ampla da matéria e, assim, ele pode tomar decisões adequadas quanto ao planejamento, bem como adaptar sua ação às exigências que surgem no desenrolar da aula – ele terá, por exemplo, melhores condições de responder a eventuais perguntas dos alunos.

Não se aflija se, ao iniciar a preparação de uma aula, você constatar que seu conhecimento do assunto em questão é deficiente. Isso é perfeitamente normal, costuma acontecer inclusive com professores bem experientes. Durante a fase de preparação, você pode sanar essas limitações através

do estudo pessoal. É assim, preparando-se com muito estudo para cada aula, que você irá, ao longo da carreira, aprofundando e expandindo seu conhecimento na área, de modo a ser um professor cada vez melhor. O estágio é só o começo...

Capriche, portanto, na pesquisa bibliográfica, e depois organize o resultado de seu estudo em um texto formal – o texto-base. Esse trabalho não deve ter uma estruturação em forma de tópicos isolados, como se fossem anotações de estudo. Também não deve ser escrito na linguagem e no formato dos livros didáticos ou das apostilas fornecidas aos alunos. Não se trata de produzir um texto didático, mas um texto acadêmico. Ou seja, é um trabalho escrito por um profissional – você – para ser lido por outro profissional – seu regente-tutor. Isso quer dizer que o grau de aprofundamento e complexidade do conteúdo nesse texto é maior do que aquele que você desenvolverá efetivamente com os alunos na aula.

Seu texto tem de conter, no mínimo, introdução, desenvolvimento e conclusão, além das referências bibliográficas. Em primeiro lugar, trate do conteúdo da aula propriamente dito e, depois, apresente alguma reflexão sobre a relevância desse conteúdo no ensino e sobre as melhores formas de abordagem didática para ele. Empregue frases simples e curtas, utilize linguagem objetiva – enfim, busque o máximo de clareza. Tenha cuidado também com a correção da língua escrita formal. Finalmente, não se esqueça da folha de rosto, que, como vimos ao tratar do relatório no Estágio I, é uma página de abertura com os dados básicos do trabalho: título, nome completo do autor, data (mês e ano) da realização, além de outras informações que você considerar pertinentes. Capriche também no aspecto visual de seu trabalho – é o “cartão de visita” dele... O ideal é digitar e imprimir com tinta preta em papel branco. Se isso não for possível, apresente o trabalho manuscrito com esferográfica azul ou preta em papel almaço pautado.

Como você já percebeu, a produção de um texto dessa natureza exige tempo e dedicação. Então, não deixe para elaborá-lo em cima da hora. Concluído seu texto, apresente-o ao regente-tutor. Faça isso com antecedência suficiente para que ele avalie seu trabalho e lhe dê retorno, a fim de que você possa completar, corrigir ou ajustar o que for necessário. Sugerimos a antecedência de duas ou três semanas em relação à data prevista para a aula, mas você pode combinar um prazo diferente.

Atividade 13: Elaboração de planos de aula

Após ter concluído o estudo dos conteúdos específicos, é hora de confeccionar o plano de aula – um para cada aula a ser dada. Planejar é, sempre, um processo de tomada de decisões. O sucesso do trabalho depende, em grande parte, da adequação dessas decisões. Recorra a seu livro de Didática para a elaboração do plano de aula. Além disso, o roteiro sugerido para observação de aulas no livro do Estágio II pode funcionar como guia para suas decisões nesse momento.

O primeiro passo no planejamento da aula é obter, junto ao regente-tutor, os objetivos de ensino. Isso é indispensável, porque a seleção das estratégias e materiais a serem empregados depende estreitamente dos objetivos. O regente-tutor poderá fornecer a você os objetivos completamente detalhados, ou gerais, e deixar a seu cargo a tarefa de formular os específicos. De qualquer modo, você não poderá formular os objetivos sem a orientação do regente-tutor, uma vez que é ele quem detém uma visão mais abrangente do curso em que sua aula estará inserida e com o qual, portanto, deverá ser congruente.

Estabelecidos os conteúdos e objetivos, o próximo passo é a seleção das estratégias – isto é, das atividades que serão realizadas ao longo da aula. Conforme lembramos no Estágio II, ao tratar da observação de aulas, a aula expositiva é apenas uma entre muitas estratégias didático-pedagógicas possíveis. Avalie quais seriam as mais adequadas para seu trabalho, levando em conta os objetivos traçados para a aula, as características da turma-base, os recursos materiais disponíveis.

Se puder, varie as estratégias ao longo da aula. Evite etapas muito longas de aula expositiva. Caso utilize essa estratégia, intercale-a com outras como exercícios, trabalhos em dupla ou pequenos grupos, debates, leitura de textos. Isso é tanto mais importante quanto mais jovens forem os alunos. Crianças pequenas não suportam um período muito longo de concentração em uma mesma atividade, especialmente se esta exigir que fiquem paradas e em silêncio... E mesmo no Ensino Médio, a aula será mais agradável e produtiva se você intercalar exposições de conteúdo de dez ou quinze minutos com tarefas em que os alunos participem mais ativamente.

Avalie por si mesmo: quantas vezes, em sua vida de estudante, você teve dificuldade em prestar atenção ininterrupta a aulas expositivas de 50 ou 100 minutos?...

Para organizar e conduzir bem uma aula expositiva, recorra às orientações oferecidas na seção relativa às co-participações, neste livro.

Lembre, também, que a estrutura de uma aula não é necessariamente formada por uma exposição de matéria feita no início pelo professor, seguida de exercícios propostos aos alunos. Considere a possibilidade de outras funções para o exercício, além da simples reprodução daquilo que o professor explicou. Pode ser muito interessante propor uma atividade aos alunos antes de qualquer explicação sobre o assunto em foco. Nesse caso, o propósito da atividade é justamente facilitar a descoberta de certos conteúdos pelos próprios alunos. Essa forma de trabalho oferece algumas vantagens como, por exemplo, a alegria, o prazer e a sensação de autoconfiança que os alunos experimentam ao se sentirem capazes de descobrir sozinhos coisas interessantes e importantes. Trata-se de uma estratégia que pode ter um estimulante sabor de desafio. Nesse caso, certos cuidados devem ser observados na confecção da proposta de atividade:

- a. É preciso avaliar os pré-requisitos necessários à execução da atividade. Quer dizer, o professor tem de estar ciente de quais são os conteúdos que o aluno precisa dominar previamente para ter condições de cumpri-la. Se a tarefa proposta exigir conhecimentos prévios de que o aluno não dispõe, ele não será capaz de realizá-la e, provavelmente, acabará sentindo-se frustrado e inseguro, o que prejudica o aproveitamento pretendido para a atividade.
- b. Se a tarefa contiver mais de uma etapa, na forma de uma seqüência de exercícios, a gradação entre elas deve ser estruturada com muito cuidado. É possível auxiliar o aluno dividindo, em pequenos passos, o percurso de raciocínio que ele precisará fazer. Ou seja, uma boa forma de organizar esse tipo de material é elaborar uma série ordenada de pequenas tarefas que, na seqüência, conduzem o aluno a conclusões, generalizações, sistematizações.
- c. A tarefa pode ser realizada pelos alunos individualmente ou em grupos. Trabalhos individuais costumam ser concluídos mais rápido que trabalhos em grupo. Em compensação, o trabalho em grupo proporciona um enriquecimento das reflexões e uma vivência importante de cooperação. Se optar pelo trabalho em grupo, leve em conta que grupos menores tendem a ser mais produtivos, porque se organizam mais facilmente, reduzem a dispersão com brincadeiras ou conversas alheias à atividade e favorecem uma participação mais equilibrada dos diferentes membros. Uma boa opção é fazer o trabalho em duplas ou trios.
- d. Em qualquer caso, quer trabalhem individualmente quer em grupos, os alunos precisarão de orientação do professor enquanto realizam a tarefa. Circule pela sala, observando-os e atendendo-os quando necessário.

As estratégias que você selecionar devem aparecer cronologicamente ordenadas no plano de aula e devem ser detalhadamente descritas. Tem de ser possível, para o regente-tutor, formar uma perfeita imagem da organização da aula ao ler seu plano. Assim, por exemplo, se você pretende realizar um jogo, não escreva no plano apenas “jogo”, mas também descreva a dinâmica desse jogo. Se pretende realizar uma atividade inicial a título de motivação, não basta indicar no plano “motivação” – é preciso descrever a forma específica de desenvolvimento dessa motivação: uma conversa informal sobre o tema a ser abordado?; uma história ou anedota contada pelo professor, que tenha relação com o tema?; a audição de uma música?; a discussão sobre uma imagem?; um jogo?; um relato de experiências pessoais dos alunos?...

Ao selecionar e ordenar as estratégias, é importante fazer uma estimativa do tempo necessário para cada atividade ou cada etapa da aula. Uma estimativa bem-feita do uso do tempo reduz o risco de duas situações muito inconvenientes: seja terminar todo o trabalho previsto quando ainda falta muito tempo para acabar o horário da aula, seja chegar ao término do tempo sem ter concluído o trabalho previsto. Um plano com a indicação da duração provável de cada etapa permite que você, em qualquer momento do decorrer da aula, avalie rapidamente o andamento e faça os ajustes

necessários para harmonizar o tempo que resta com as atividades que ainda precisam ser feitas. Se perceber que está atrasado em relação ao que planejou, você pode acelerar; inversamente, se estiver muito adiantado, pode se deter com mais calma em aprofundamentos, fornecer mais exemplos, dar mais atenção aos alunos individualmente...

“Acelerar” o ritmo, nesse caso, não significa sacrificar a clareza, suprimir partes do conteúdo ou deixar de atender a perguntas dos alunos. Acontece que podemos variar nossa forma de lidar com as atividades, em particular com a dinâmica dos exercícios propostos aos alunos, de modo a ganhar tempo. Veja alguns exemplos:

Exemplo 1:

Você só tem 20 minutos para concluir uma série de dez exercícios que, em sua estimativa inicial, levaria 40 minutos para ser feita. Você pode dividir a lista de exercícios, de modo que metade de turma faça uma parte dela, e metade faça a outra parte. No momento da correção, todos os alunos tomarão conhecimento de todos os exercícios, pois participarão da correção também daqueles exercícios que não fizeram, podendo dar sugestões de solução e debater suas dúvidas.

Exemplo 2:

Você precisaria de quinze minutos para os alunos fazerem um exercício e de mais dez para corrigi-lo, mas só restam quinze para a aula terminar. Em vez de pedir que os alunos façam sozinhos para depois corrigir, faça os exercícios junto com eles, com todos participando. É possível, nesse momento, chamar alunos ao quadro para ajudar.

Exemplo 3:

Você preparou três blocos de exercícios, cada um com cinco ou seis questões do mesmo tipo, mas nota, em dado momento da aula, que não haverá tempo para resolver e corrigir todos eles. Pode fazer e corrigir em sala somente a metade de cada um dos blocos, e pedir que os alunos concluam o restante em casa. A tarefa pode ser recolhida e corrigida em casa por você, ou corrigida em sala na aula seguinte, se as condições de tempo permitirem.

Após selecionar e ordenar as atividades no plano, e indicar a duração estimada de cada uma, indique os materiais requeridos para sua realização. Providencie com antecedência o que for necessário: livros, instrumentos, equipamentos, figuras, cópias de textos e exercícios impressos, amostras, modelos... Indique, finalmente, a forma de avaliação. Como você já sabe, não é obrigatório haver, em cada aula, um instrumento específico de avaliação, mas é preciso, de alguma forma, verificar a eficácia do trabalho realizado e recolher elementos para a continuidade do planejamento do curso. Em geral, pode-se fazer a avaliação de uma aula observando-se o envolvimento e o desempenho dos alunos nas tarefas propostas.

Discuta o plano com o regente-tutor com antecedência de duas ou três semanas em relação à data da aula. Vocês podem combinar um prazo diferente, mas não esqueça que é necessário antecedência suficiente para fazer o trabalho de orientação com atenção e cuidado. Utilize o tempo reservado para reuniões com o regente-tutor (no Quadro I do plano de atividades) para planejar suas aulas e avaliar o trabalho desenvolvido. Depois que o regente-tutor tiver aprovado a versão final de seu plano de aula, faça duas cópias: uma para ele, e outra para você. Ambos precisam ter o plano em mãos durante a execução de sua aula.

Atividade 14: Elaboração do material didático

A elaboração do material didático a ser usado em suas aulas é de sua responsabilidade, e está incluída na etapa de preparação das aulas, como você vê no Quadro III. Para conseguir aulas mais criativas e interessantes, mais adequadas às necessidades dos alunos da turma-base, evite recorrer a materiais já prontos. Crie e confeccione seus próprios materiais, aproveitando as orientações e sugestões fornecidas neste livro e também no livro do Estágio II. Para isso estão reservadas 10 horas no plano de atividades. Submeta o material preparado à avaliação do regente-tutor juntamente com o plano de aula, sempre com antecedência.

O processo de preparação brevemente descrito aqui – incluindo o texto-base, o plano de aula, a elaboração do material didático e as reuniões com o regente-tutor – deve ser realizado para cada uma das duas aulas duplas que você dará.

Durante a fase de preparação das aulas, vale a pena procurar enriquecer seu conhecimento de estratégias pedagógicas. Uma boa fonte pode ser o livro *Educação Lúdica, Técnicas e Jogos Pedagógicos*, de Paulo Nunes de Almeida, Edições Loyola.

Atividade 15: Aulas

Este é um momento muito especial de seu Estágio III. De certa forma, é nesta atividade que irão culminar as habilidades que você vem desenvolvendo desde o Estágio II, por meio das observações e co-participações. Então, capriche...

Na seção relativa ao plano de aula, você encontra algumas orientações relevantes para a condução do trabalho em sala. Outras podem ser encontradas nas seções referentes às co-participações neste livro e no do Estágio II, já que, em geral, as atividades que compõem uma aula foram ali abordadas. Consulte também, no livro do Estágio II, o roteiro de observação de aulas, que fornece alguns lembretes sobre o que é importante numa boa aula. Aqui, oferecemos algumas dicas práticas que podem ser úteis:

a. Não deixe nada para providenciar em cima da hora. Na véspera da aula, releia o plano e confira todos os materiais necessários, que já devem estar prontos e organizados.

- b. No dia da aula, vista-se de modo confortável, porém sóbrio, discreto, como convém ao ambiente de trabalho. Sua aparência diz muito sobre a importância que você dá ao trabalho que faz...
- c. Organize-se para chegar à escola, pelo menos, dez minutos antes do horário de início da aula.
- d. Trate os alunos com respeito, cordialidade, simpatia, atenção, carinho. Contudo, evite transmitir a impressão de ser mais um “coleguinha” deles. Essa imagem é falsa, e não contribui para que você realize o que se espera de seu papel de educador.
- e. Jamais se desculpe com a turma por estar nervoso, nem peça que eles “ajudem”, já que é sua primeira aula, ou coisas assim. Nesse dia, você é o professor, e precisa transmitir segurança e confiabilidade. Se você realizou cuidadosamente as etapas da preparação, conforme explicamos aqui, não há razão para se sentir nervoso. Se, no entanto, a sensação de ansiedade ou insegurança ocorrer, procure controlá-la respirando com calma, falando pausadamente, relaxando os músculos, caminhando lentamente na sala. Apóie as mãos sobre a mesa, caso se sinta mais confortável assim. Acredite: na maior parte das vezes em que um estagiário de licenciatura se sente nervoso em sua primeira aula, os alunos não percebem isso. A sensação de nervosismo passará logo após os primeiros momentos, à medida que você for se concentrando no que preparou com tanto carinho e cuidado para seus alunos.
- f. Ao propor tarefas aos alunos, informe claramente quanto tempo eles terão para fazê-las e controle a observância desse tempo. Isso facilita a manutenção do ritmo da aula dentro do previsto. No entanto, seja flexível para fazer, no momento, os ajustes que se mostrarem necessários.
- g. Diante de qualquer imprevisto, como um problema disciplinar com os alunos, um esquecimento ou um erro seu, mantenha a calma. Tudo pode ser contornado, desde que você esteja atento e tranquilo. Lembre-se de que, em último caso, o regente-tutor, presente em sala durante todo o tempo em que você estiver na regência da turma, poderá ajudá-lo.

Estamos torcendo pelo seu sucesso!

**Material de registro e
acompanhamento**

3ª
PARTE

**Estagiário(a):**

Pólo CEDERJ:

Turma-base:

Regente-tutor:

Semestre de realização do Estágio III:

[illegible]

[illegible]

Observação de aulas
Carga horária total: _____h



Estagiário(a):

Pólo CEDERJ:

Turma-base:

Regente-tutor:

Semestre de realização do Estágio III:

[illegible]



2. Co-participação

DATA	ATIVIDADE REALIZADA	CH	RUBRICA REGENTE-TUTOR

Co-participação
Carga horária total: _____h



ESTÁGIO III AGENDA DE ATIVIDADES

Estagiário(a):

Curso:

Pólo CEDERJ:

Escola:

Turma-base:

Regente-tutor:

Semestre de realização do Estágio III:

3. Reuniões com o regente-tutor

DATA	OBJETIVO DA REUNIÃO	CH	RUBRICA REGENTE-TUTOR

Reuniões com o regente-tutor
Carga horária total: _____h



4. Participação em Conselho de Classe

DATA	CH	RUBRICA REGENTE-TUTOR
	2h	

Participação em Conselho de Classe
Carga horária total: 2h

Atividades de participação

Tema da Aula 1:

DATA	ATIVIDADE	CH	RUBRICA REGENTE-TUTOR
	Elaboração do texto-base	6h	
	Elaboração do plano de aula	2h	
	Elaboração de material didático	5h	
	Aula	2h	

Tema da Aula 2:

DATA	ATIVIDADE	CH	RUBRICA REGENTE-TUTOR
	Elaboração do texto-base	6h	
	Elaboração do plano de aula	2h	
	Elaboração de material didático	5h	
	Aula	2h	

Atividades de participação
Carga horária total: 30h



ESTÁGIO III AGENDA DE ATIVIDADES

Estagiário(a):

Curso:

Pólo CEDERJ:

Escola:

Turma-base:

Regente-tutor:

Semestre de realização do Estágio III:

6. Correção/avaliação de trabalhos de alunos

DATA	TIPO DE TRABALHO AVALIADO	CH	RUBRICA REGENTE-TUTOR

Correção/avaliação de trabalhos de alunos
Carga horária total: 5h



7. Confeção de material didático

DATA	TIPO DE MATERIAL CONFECCIONADO	CH	RUBRICA REGENTE-TUTOR

Confeção de material didático
Carga horária total: 5h

8. Confeção de instrumento de avaliação

DATA	CH	RUBRICA REGENTE-TUTOR
	5h	

Confeção de instrumento de avaliação
Carga horária total: 5h

9. Leitura e resenha de livro paradidático

DATA	LIVRO RESENHADO	CH	RUBRICA REGENTE-TUTOR
		6h	

Leitura e resenha de livro paradidático
Carga horária total: 6h



10. Seleção de textos e materiais audiovisuais

DATA	TIPO DE MATERIAL SELECIONADO	CH	RUBRICA REGENTE-TUTOR

Seleção de textos e materiais audiovisuais
Carga horária total: 5h

11. Relatório final

DATA	CH	RUBRICA REGENTE-TUTOR
	4h	

Relatório final
Carga horária total: 4h

ISBN 85-7648-157-X



9 788576 481577



UENF
Universidade Estadual
do Norte Fluminense



Universidade Federal Fluminense



Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo
à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro



**GOVERNO DO
Rio de Janeiro**

SECRETARIA DE
CIÊNCIA E TECNOLOGIA



Ministério
da Educação

